

Editorial

Discipulado e Missão

A FaTeo contribui com o tema da Igreja Metodista por meio deste Mosaico Apoio Pastoral

O 19º. Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado em 2011, aprovou o Plano Nacional Missionário para o período 2012-2016, que mantém o tema que tem orientado a Igreja nas últimas décadas, “Comunidade Missionária a Serviço do Povo”, com o adendo “Espalhando a Santidade Bíblica pela Terra”, e definiu o tema para o biênio 2012-2013 “Discípulos e discípulas nos caminhos da missão: cumprem o mandato missionário de Jesus”. Buscando reafirmar a sua vocação de servir à Igreja Metodista, a FATEO, por meio deste número de *Mosaico Apoio Pastoral*, oferece uma coletânea de textos para a reflexão e a prática em torno do tema do próximo biênio, com o título “Discipulado e Missão”.

Além dos textos de lideranças da Igreja e da própria FATEO, em diversas frentes do trabalho missionário, há a recuperação de textos já pu-

blicados anteriormente dentro da temática, com vistas a uma releitura que pode se revelar instigante. Para além do tema central, é oferecida também aos leitores e leitoras de *Mosaico* uma narrativa das atividades desenvolvidas pela FATEO no último biênio, com destaque para a participação do Reitor e do Presidente do Conselho Diretor na Assembleia do Concílio Mundial Metodista, em julho passado. Foi nesse evento que ocorreu a eleição do bispo-assistente da FATEO Revmo. Paulo Tarso de Oliveira Lockmann como presidente daquele organismo. A mensagem que o bispo pregou na cerimônia da posse está reproduzida nas páginas da revista.

Seja esta leitura, como já indicado acima, instigante e instrumento para a prática pastoral dos discípulos e discípulas em seu compromisso com a Missão.

Editorial

Ano 19, nº 49, junho/dezembro de 2011

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 19, nº 49,
Junho/Dezembro de 2011

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Universidade Metodista de São Paulo - Reitor: Márcio de Moraes

Faculdade de Teologia: Reitor/Diretor: Paulo Roberto Garcia
Vice-Reitor: Nicanor Lopes **Diretor Administrativo:** Otoniel Luciano Ribeiro

Editeo - Comissão Editorial
Blanches de Paula, Helmut Renders (coordenador), José Carlos de Souza, Magali do Nascimento Cunha, Tércio Machado Siqueira

Editora de Mosaico: Magali do Nascimento Cunha

Projeto gráfico: Luiz Carlos Ramos; **Editoração e Arte final:** Marcos Brescovich; **Capa:** Marcos Brescovich **Edição e montagem de imagens:** Marcos Brescovich; **Imagens:** sites: www.corbis.com, www.sxc.hu, **Assistente de Produção:** Fagner Pereira dos Santos **Tiragem deste número:** 3.000 exemplares.

Distribuição gratuita.

*

*

Mosaico Apoio Pastoral

EDITEO



Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970

Fone: (0_11) 4366-5958

editeo@metodista.br

Discípulos e discípulas nos caminhos da missão

Reflexões a partir do evangelho de Mateus

Paulo Roberto Garcia

O tema do discipulado faz parte da história da reflexão cristã. É um tema recorrente por isso, revisitá-lo constantemente é um desafio e uma tarefa importantíssima. Neste artigo propomos estudá-lo a partir de um caminho pouco explorado: o de ter como base da reflexão o evangelho de Mateus. Assim, fugimos do discurso mais comum de que o melhor escrito do Novo Testamento para discutir discipulado é o Evangelho de Marcos.

Essa opção nasce da percepção de que no evangelho de Mateus, o discipulado está intimamente ligado à ação missionária. Temos nesse escrito uma base para refletir sobre o desafio pautado para os cristãos, e hoje, de modo especial, o Metodista, para o próximo período eclesiástico.

Assim, nossa tarefa será a de ler o evangelho de Mateus tendo como fio condutor o tema do discipulado ligado ao desafio missionário.

Começando pelo fim: o mandato missionário

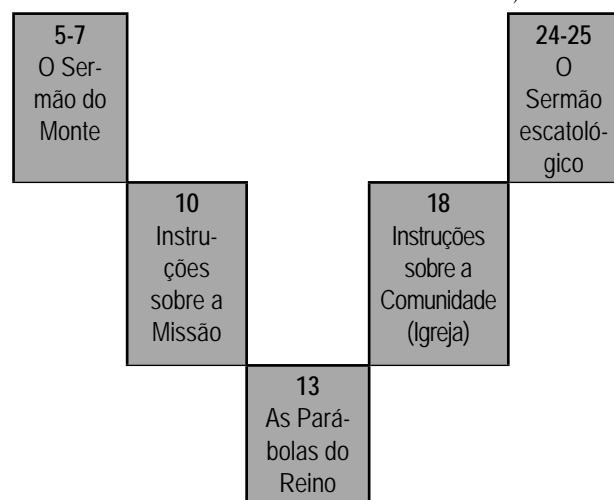
O capítulo 28 do evangelho de Mateus é conhe-

cido como “A Grande Comissão”, e, no entendimento de pesquisadores, esse comissionamento encontrado no texto é ordenança para que os cristãos e as cristãs saiam em missão. Isso está baseado em uma tradução do vs. 19 que ficou consagrada em português: *ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...* A partir dessa tradução, esse final do evangelho passou a ser conhecido como o “imperativo missionário” ou, como alguns preferem chamar: “o grande ide”.

Uma questão importante é que no texto grego, língua em que foi escrito o Novo Testamento, não é o verbo “ir” que aparece no imperativo e sim um outro verbo, o verbo *matheteuo* que é traduzido por “fazer discípulos”. Como se trata de um único verbo, uma tentativa de tradução literal dele seria “discipular”. Aqui está nossa chave de leitura: a grande conclusão do evangelho de Mateus apresenta o imperativo do discipulado. Discipular é a grande comissão do evangelho!

Discipulado
e Missão

Para definir nossa abordagem devemos nos lembrar que o evangelho está organizado a partir de cinco sermões/discursos de Jesus, encontrados nos capítulos 5-7; 10; 13; 18; 24-25. Partimos do princípio que esses capítulos se relacionam em forma concêntrica. Assim, os capítulos 5-7 devem ser lidos juntamente com os capítulos 24-25; o capítulo 10 deve ser lido em conjunto com o 18 e, finalmente, o capítulo 13 é central nessa estrutura – as parábolas do Reino. Poderíamos exemplificar isso com a seguinte estrutura:



focar somente uma parte dessa estrutura: os capítulos 10 e 18 para, posteriormente, voltar ao capítulo 28. Isso não significa que os demais capítulos não podem ser lidos na chave do discipulado. Podem e possuem muito conteúdo. Deixamos essa abordagem dos demais capítulos para um desafio futuro.

Missão e perdão: desafios para os discípulos

Como afirmamos acima, na estrutura do evangelho de Mateus os capítulos 10 e 18 devem ser lidos em conjunto. No

Nesse artigo, na perspectiva de um ensaio, vamos en-

capítulo 10 encontramos como tema o envio missionário dos discípulos. A

missão é parte fundamental da vida e da ação deles. No início do capítulo encontramos o relato que apresenta Jesus chamando seus discípulos. Em uma narrativa ágil, quase instantânea Ele lhes confere autoridade para enfrentar espíritos imundos e curar doenças e, alguns versículos depois os envia em missão.

As instruções para a prática missionária ocupam todo o capítulo. Ponto central a se destacar nessas instruções é que na tarefa deles de anunciar que o Reino dos céus está próximo (10.7), os discípulos deverão sinalizar essa proximidade levando a cura, a ressurreição e a paz para as casas (10.8,13). No compromisso missionário a palavra igreja não aparece, o que aparece é a restauração da vida e da paz de pessoas e suas casas. A palavra igreja acontecerá naturalmente a partir do capítulo 18.

A grande ênfase desse capítulo se dá, portanto, no envio para a missão e nas instruções para essa tarefa. O desenrolar e o sucesso da ação missionária dos discípulos ficam para outra unidade do evangelho e, embora eles não sejam parte da instrução contida nesse sermão/discurso, fazem a ligação com o capítulo 18. A prática missionária traz novas pessoas para a co-

munidade, pessoas com diferenças, problemas e falhas. Isso gera conflito. Deste modo, a comunidade deverá estabelecer um princípio da convivência baseado no perdão. Por isso, o texto chave do capítulo 18 é a discussão sobre como proceder com o irmão que comete pecado (18.15-20).

O capítulo 18 inicia apontando que a lógica do Reino dos céus é diferente da realidade que marca a comunidade: a criança, desprezada pela cultura da época, é a maior para o reino (18.1-5), por isso, fazer os pequenos tropeçarem é algo desprezível (18.6-9). Também, a lógica do Reino é diferente na perspectiva da parábola da ovelha perdida, a qual reforça o discurso do início do capítulo, onde a vida do pequeno animal perdido é mais importante que todo o rebanho. Nesse ponto, a narrativa apresenta as instruções acerca do perdão, que se seguirão até o fim do capítulo. Essa instrução sobre como lidar com o irmão que peca, ocupa lugar central do capítulo e é o que abordaremos a seguir.

Nessa instrução central (18.15-21) o tema é a preservação da vida e da dignidade do irmão que peca. Vale destacar que a expressão “pecar contra ti” é um acréscimo posterior, no texto mais antigo a frase

era apenas “se teu irmão pecar”. O discípulo que tiver conhecimento de um irmão que pecou é orientado a procurá-lo em segredo. O objetivo desse procedimento é o de resgatar o irmão (18.15). Se ele não ouvir, deve-se procurá-lo acompanhado de dois ou três testemunhadores, ou seja, pessoas que tenham a habilidade na proclamação da palavra. Essa abordagem é diferente da interpretação usual na qual se entende que se devem levar testemunhas, para confirmarem que houve um a tentativa de exortar o pecador, ou seja, um procedimento jurídico de garantia daquele que irá exortar.

O texto propõe o convite a irmãos que ajudem em um testemunho coletivo, a resgatar o irmão do erro (18.16). Se essa tentativa fracassar, busca-se o testemunho da igreja (18.17a). Se ainda assim ele não ouvir a igreja, deverá ser tratado como gentio ou publicano (18.17b).

Aqui há um grave problema de interpretação. Usualmente entende-se essa orientação como uma ordem para que o irmão em erro seja excluído da comunidade. É importante destacar que o evangelho de Mateus ao apresentar a lista dos discípulos faz questão de enfatizar: Mateus, o publica-

no (cf. 10.3). Ou seja, no evangelho de Mateus os publicanos e os gentios são objetos da missão, são chamados para a conversão e para o discipulado. Com isso, essa última orientação deve ser entendida não como exclusão, mas como uma oportunidade: ter esse irmão como alguém a ser evangelizado. Daí a orientação que se segue: *tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus.* Isso não é direito, é responsabilidade. Se o irmão em pecado permanecer no seio da comunidade haverá a esperança de arrependimento e mudança, por meio da proclamação da palavra e pelo convívio com os demais. Mas, se ele for excluído, não haverá possibilidade da Palavra produzir nenhum fruto de arrependimento.

Ao leremos esses capítulos do evangelho de Mateus na perspectiva do discipulado, percebemos que uma marca da vida dos discípulos é o compromisso com a missão destacada no capítulo 10, e o compromisso com a construção de uma comunidade perdoadora e restauradora de vidas, apresentada no capítulo 18. Os discípulos, no seguimento à vida e ao ensino de Jesus, são comprometidos com a missão e com a restauração constante das vidas daqueles e

**Discipulado
e Missão**

daquelas que caminham com a comunidade.

O grande final: o discipulado na vida da comunidade

Após o final do ministério de Jesus e de suas instruções apresentadas nos cinco grandes sermões/discursos – dos quais abordamos acima os capítulo 10 e 18 – Jesus se reúne uma vez mais com todos os discípulos, tantos os que estavam firmes como os que duvidavam (28.17). Nem nesse momento final há exclusão. Para esses são dirigidas as últimas palavras: o envio para fazerem discípulos.

Como afirmamos no início desse texto, o único verbo no imperativo é o que traduzimos por “fazei discípulos”, ou “discipulai!” Esse imperativo deve acontecer nas três dimensões definidas pelos demais verbos dessa ordenança: indo, batizando, ensinando.

Indo: embora já estejamos profundamente acostumados com a tradução “ide”, essa outra forma de traduzir coloca outros desafios. A tradução do particípio grego como imperativo tem gerado muito debate entre os estudiosos da língua grega. Porém, mais que um debate de tradução, o que temos é um debate conceitual. A tradução clássica “ide” fortalece a idéia do envio missionário. Sair para fazer missão. Transmite uma idéia de ruptura, de

mudança de local. A tradução “indo”, seguindo a forma habitual de traduzir o particípio grego que é a mais conhecida e adotada pelas Bíblias na língua portuguesa para os outros dois verbos (batizando e ensinando) muda o conceito. A idéia não é de ruptura, mas de ênfase na vivência cotidiana da ordenança. Por onde quer que se esteja deve-se discipular. A ordenança do fazer discípulo se inscreve no cotidiano da vida. Onde quer que se esteja, ai é lugar do discipulado.

Batizando: nesse ponto temos a dimensão de constituição da comunidade a partir do sacramento do batismo como sinal de ingresso na comunidade. O discípulo cria comunidade, faz parte de comunidade, discipula para alcançar novos participantes da comunidade. Não podemos pensar em comunidade apenas como unidade político-administrativa. O capítulo 18 apresenta as características dessa comunidade: perdoadora e restauradora de vidas.

Ensinando: por fim, o ensino. Ensino que desafia a guardar tudo o que foi ordenado. Por isso, o evangelho está organizado em cinco grandes unidades de ensino. É fundamental para o discípulo vivenciar o compromisso de vida

apresentado por Jesus. Nas unidades de ensino trabalhadas nesse texto, o compromisso é o da missão – levando paz – e o do perdão – restaurando vidas. Ensina-se a viver de acordo com os ensinamentos e vida de Cristo.

Uma vida nos caminhos da missão – um olhar de conjunto

Percebemos no evangelho de Mateus alguns desafios para a vivência do

ações de orgulho e escândalo e sendo um instrumento para que aconteça o perdão de Deus na vida, em especial, daquele que está em falta e, se necessário for, percorrer o longo caminho do estabelecimento do perdão.

Finalmente, percebemos que esses compromissos do discípulo acontecem no cotidiano da vida, na vivência comunitária e na observância prática dos ensinos de Jesus. Embora os momentos de instruções de Jesus acon-



discipulado hoje. Em primeiro lugar, ser discípulo é estar profundamente comprometido com a missão. Levar a paz para as casas que recebem o anúncio é tarefa fundamental de todo discípulo e discípula.

Em segundo lugar, ser discípulo é estar profundamente comprometido com o outro, no anúncio, no cuidado e na restaura-

ção das vidas, evitando as situações em vários locais e em várias circunstâncias, o desafio para a comunidade é que o discípulo não seja conhecido apenas nos momentos do aprendizado. A vivência do discipulado e a resposta à ordenança de Jesus não tem dia e nem hora marcada para acontecer. Indo, discipulai!

Paulo Roberto Garcia é pastor metodista e reitor da FaTeo onde também atua como professor na Área de Bíblia (Novo Testamento).

**Discipulado
e Missão**

Plano para a Vida e Missão: a doutrina missionária do metodismo brasileiro

Toda e qualquer reflexão que envolva “Missão” no contexto do Metodismo Brasileiro precisa ter como base o conteúdo do Plano para a Vida e Missão, doutrina missionária da Igreja Metodista nestas terras, integrante do conjunto de documentos que compõem os seus Cânones. Por isso, **Mosaico** apresenta aqui um texto que recupera a história deste documento e sua relevância para o Metodismo no Brasil.

O PVM nasce em 1982 a partir de um processo que a Igreja já estava vivendo desde o final dos anos 60. O Rev. Ely Éser Barreto César, vice-presidente do Conselho Geral da Igreja Metodista na época, que afirmou ter sido o texto resultado “de oito anos de maturação”, iniciados com Plano Quadrienal de 1974 [*Expositor Cristão*, (107) 12, dez. 1992, p. 8]. A redação nasceu de um processo deflagrado pelo Conselho Geral, a propósito dos 50 anos da Autonomia da Igreja Metodista no Brasil celebrados em 1980: a

Consulta Nacional Vida e Missão.

A Consulta Vida e Missão foi realizada por meio de dois instrumentos: 1) consulta externa – um questionário remetido a lideranças locais, que não alcançou o resultado desejado e foi assumido como opiniões gerais acerca da Igreja; 2) consulta interna – um encontro promovido nos dias 29 de outubro a 2 de novembro, que reuniu lideranças regionais e nacionais, representativa de todos os segmentos da Igreja. Foram tema de reflexão: “O Metodismo Brasileiro: passado e presente”; “Análise teológica da missão da Igreja à luz da realidade nacional”; “A missão da Igreja e a ação evangelizadora”; “A missão da Igreja: a ação comunitária”; “A missão da Igreja: a vida de adoração” [Cf. *Expositor Cristão* (97) 1, jan 82, p. 6].

O documento apresentado ao Concílio Geral de julho de 1982, reunido em Belo Horizonte, resultado da Consulta, foi alvo de um estudo profundo pelos 88 delegados durante cinco dias. Num primeiro momento, 11 grupos de estudo contemplaram o texto da primeira parte do docu-

mento. Na segunda fase, os grupos foram divididos pelas sete “áreas de vida e trabalho” para contemplar o plano proposto para cada uma delas.

As críticas em plenário, da parte de pessoas afinadas com a ala conservadora da Igreja, centradas no tom político do documento, não impediu que o texto fosse aprovado pela quase totalidade dos delegados. Foram 78 votos favoráveis; dois votos contrários, que colocaram na história o casal da 1^a Região Nilton Pregizer Duarte e Palmira Duarte; uma abstenção, justificada pelo rev. João Nelson Betts: “Não posso aceitar essas premissas teológicas”.

Principais ênfases

As premissas teológicas a que o rev. Betts se referiu estão expressas, fundamentalmente, no item “Entendendo a Vontade de Deus” (PVM. Cânones da Igreja Metodista, 2007. p. 39-41) e afirmam: A missão é de Deus

- O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino – a Missão de Deus é estabelecê-lo no mundo
- O propósito de Deus é reconciliar consigo mesmo o ser humano, libertan-

do-o de todas as coisas que o escravizam

- A Igreja deve constituir, neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus
- Deus trabalha – cria pessoas e comunidades, dando-lhes condições para viver, trabalhar e construir suas vidas
- As pessoas e instituições podem ser sara-das por Deus
- A Unidade de pessoas e comunidades é fundamental
- Deus revela sua ação salvadora na História – na história de Israel e por meio de Jesus Cristo, que confrontou os poderes da morte
- O futuro oferecido por Deus na forma de vida plena pode ser construído agora
- Como sinal do Reino de Deus, a Igreja é chamada a sair de si mesma e envolver-se no trabalho de Deus: construção do novo ser humano e do Reino de Deus – a evangelização é a forma de realizar isto
- O pecado é pessoal e comunitário, impede a realização da obra salvífica de Deus por meio da ação de pes-

**Discipulado
e Missão**

soas, grupos e instituições. É o conflito vida x morte.

- A Igreja Metodista se reconhece chamada e enviada a trabalhar neste tempo e neste lugar onde ela está. A Igreja Metodista faz uma escolha clara pela vida, manifesta em Jesus Cristo, em oposição à morte e a todas as forças que a produzem.

Estas premissas teológicas encontram suporte na “Herança Wesleyana”, o primeiro item do documento. São elencados doze “Elementos Fundamentais da Unidade Metodista”, que refletem bem o momento de preocupação com a identidade. Sobre isto escreveu o rev. Ely Eser Barreto César em 1992, a propósito dos dez anos do PVM: “Vivemos mais de 25 anos nos acostumando à idéia de que perdemos nossa identidade, de que não tínhamos mais a mística wesleyana. (...) Por isso é motivo de celebração constatar que estamos saindo daquele período de crise hoje. Ninguém pode afirmar que não temos identidade, que não temos ênfases doutrinárias claras, que

não temos perspectivas” [Expositor Cristão, (107) 12, dez. 1992, p. 8].

Os doze itens da herança wesleyana relacionados destacam (PVM. Cânones da Igreja Metodista, 2007. p. 37-39):

O Metodismo aceita as doutrinas históricas do Cristianismo e não as confunde com atitudes doutrinárias intelectualistas e racionalistas nem com a defesa intransigente, fanática e desamorosa da ortodoxia doutrinária

A vida cristã comunitária e pessoal deve expressar a experiência do crente com Jesus Cristo

O poder do Espírito Santo é que possibilita que a Igreja responda às exigências do Evangelho

O Metodismo requer disciplina pessoal e comunitária, em busca da perfeição cristã, no processo de santificação do cristão e da Igreja, concretizada em atos de piedade e atos de misericórdia.

O Metodismo se caracteriza por uma paixão evangelística

O Metodismo demonstra permanente compromisso com o bem-estar da pessoa total e não só espiritual mas também nos aspectos sociais – daí a luta

contra a pobreza, a exploração e toda a forma de discriminação

O Metodismo defende a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes: todo o povo de Deus é chamado a desenvolver ministérios

O sistema conexional é característica fundamental para o movimento espiritual e para a instituição eclesiástica do Metodismo

O Metodismo se vê como parte da Igreja Universal de Jesus Cristo – por isso está empenhado em processos da unidade visível da Igreja

A vivência e a fé do cristão e da Igreja se fundamentam na revelação e ação da Graça Divina.

Antes de ser instituição, a Igreja é um Corpo, Comunidade de Cristo.

A prática e a experiência da fé cristã têm valor. A prática da fé é característica do Metodismo pois ele é um “cristianismo prático” a partir do testemunho bíblico.

É com estas bases teológicas que o PVM oferece uma definição de missão:

- Missão é a construção do Reino de Deus, sob o poder do Espírito Santo, através da

ação da comunidade cristã e de pessoas, visando o surgimento da nova vida trazida por Jesus Cristo para renovação do ser humano e das estruturas sociais, marcados pelos sinais da morte.

O PVM, também apresenta, como um plano, as formas de desenvolver a missão por meio dos itens:

- Necessidades e oportunidades, com destaque para a análise da conjuntura dentro e fora da Igreja; o apoio às iniciativas de valorização da vida; denúncia das forças que destroem a vida; a superação das tensões internas à Igreja.
- O que é trabalhar na missão de Deus, com destaque para o enfrentamento das dificuldades em vista ser o mundo espremido pelas forças do pecado e da morte; o uso dos dons e dos ministérios; a soma de esforços com quem promove a vida.
- Como participar da missão de Deus, com destaque para o ato de cultuar a Deus (o culto deve ser participativo, estar inserido no dia-

*Discipulado
e Missão*

- a-dia da comunidade, ser evangelístico); para o aprendizado em comunidade (da experiência prática vivida e partilhada, do compartilhamento com quem valoriza a vida, da Palavra de Deus, da Doutrina da Igreja); para o trabalho (concretizando dons e ministérios como serviço ao Reino, lutando por relações justas entre empregadores e empregados e estando ao lado de quem não tem trabalho); para o uso de ferramentas e métodos adequados (uma delas, a participação de todos no processo decisório da Igreja).
- Situações nas quais acontece a missão com destaque para a promoção dos direitos humanos, da participação política, da preservação da natureza, da valorização cultura, da melhor distribuição da riqueza e garantia dos direitos dos trabalhadores e ao trabalho.
- Os frutos do trabalho na missão de Deus, com destaque na nova vida e sua concretização no mundo.

O Plano para as Áreas de Vida e Trabalho, Ação

Social, Comunicação Cristã, Educação, Ministério Cristão, Evangelização, Patriônia e Finanças e Unidade Cristã), uma extensão do PVM, é desenvolvido a partir desta base acima descrita e apresenta ações concretas a serem realizadas.

Um forte avanço

Quem lê o PVM está diante de uma postura eclesiológica e missionária que representa forte avanço em relação à postura histórica das igrejas evangélicas no Brasil. O Metodismo foi implantado no Brasil com singularidades, mas, no geral, do ponto de vista teológico, eclesiológico e missionário, com as mesmas bases dos demais grupos trazidos do sul dos Estados Unidos – um Protestantismo sectário, predominantemente rural, reforçado pelas bases puritanas, fundamentalistas e pietistas herdadas da experiência de negação do mundo (dualismo igreja x mundo), milenarista, racionalista (fé fundamentada em certezas) e anti-intelectualista (desvalorização da reflexão teológica e ênfase no ativismo pastoral).

Dentre os muitos avanços

que o PVM representa para uma postura como Igreja, podemos destacar:

- A afirmação de que a missão é de Deus. Não é da Igreja, não é de pessoas. A missão é de Deus e a implantação de um novo mundo, de uma nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz – o Reino de Deus – é o alvo, a meta. A Igreja se engaja nesta missão de Deus – seu papel é de colaboradora de Deus. Isto significa rechaçar a perspectiva de que é por meio da Igreja que as pessoas alcançam a salvação. O propósito de salvar o mundo é de Deus e salvar o mundo implica na redenção total dele, na vida em todos os seus aspectos, não somente a salvação da alma – ênfase da pregação evangélica no Brasil.
- A missão só acontece e só tem sentido quando a igreja sai de si mesma e se desloca para o mundo. A pastoral de manutenção é aqui questionada, legiar as ações internas reservando pequeno espaço e energia para as ações fora do espaço eclesiástico.
- Deus usa outros grupos para realizar a missão – não só a Igreja. Todos os grupos que valorizam e trabalham pela vida são colaboradores de Deus para que sua meta seja atingida. Por isso a Igreja tem que se aliar com estes outros colaboradores de Deus; somar esforços. Aqui se revê a ênfase exclusivista de que só os “salvos” ou os “crentes” são os chamados. O Espírito Santo não está somente na Igreja e sopra como quer.
- O culto a Deus faz parte da missão, por isso tem que ser participativo e inculturado. Deve haver coerência entre o que se faz e o que se celebra. Se a Igreja sai de si mesma e encontra-se com a comunidade, este encontro tem que se refletir no culto.

Texto de **Magali do Nascimento Cunha** publicado no livro RIBEIRO, Claudio, LOPES, Nicanor. *20 anos depois: A vida e a missão da Igreja em foco*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002. p. 23-31.

*Discipulado
e Missão*

Desafios do tempo presente à vida e à missão da Igreja

Jane Menezes Blackburn

Mesmo que aconteça em todos os espaços da vida de pessoas cristãs, a missão tem um olhar para fora da Igreja e responde a uma realidade social, econômica, cultural e religiosa que precisa da graça de Deus. É necessário um diálogo entre missão e contexto. *A Missão de Deus no mundo é estabelecer o seu Reino. Participar da construção do Reino de Deus em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja.* (PVMI. Cânones 2007-2011, p. 31).

A missão deve intervir no contexto e o contexto deve interferir na missão nas suas metas e estratégias, mas não deve definir a base doutrinária da missão. Nesse sentido, a doutrina missionária da Igreja Metodista expressa no Plano para a Vida e Missão da Igreja (PVMI) é atual e precisa ser conhecida pelos/as metodistas.

A vida cristã comunitária e pessoal deve ser a expressão verdadeira da experiência pessoal do crente com Jesus Cristo, como Senhor e Salvador (PVMI. Cânones

2007-2011, p. 30) e por isso precisamos como pessoas e como Igreja viver a santidade bíblica, ter clareza de quem somos, de quais referências usamos para a missão. A partir daí, conhecer o cenário onde a missão acontece, pois só podemos intervir numa realidade que conhecemos.

Alguns aspectos da realidade em que vivemos hoje, nos desafiam a uma prática missionária mais efetiva com as pessoas que são ao mesmo tempo objeto e sujeito da missão.

O desenraizamento

A realidade atual traz algumas ideias básicas como o individualismo e a racionalidade instrumental. Importa viver o presente; com isso ficamos sem raízes, sem história, sem futuro e sem identidade.

Um exemplo disso é a grande valorização do corpo voltada especialmente para a beleza física e para o prazer. Essa “valorização” se torna uma agressão ao corpo reduzindo-o a um mero ins-

trumento. Esse uso do corpo gera um grande vazio interior, que nem o modelamento do corpo pela malhação, nem a satisfação dos desejos, o consumo de bens ou a busca de prazer poderão preencher. Consequência disso é uma grande busca por orientação psicológica para reestruturar o “eu interior”, por livros de auto-ajuda, grande consumo de “ansiolíticos” e busca de uma espiritualidade individual sem compromisso com a mudança da realidade; uma busca de Deus, de transcendência, que tenta preencher esse vazio com o sobrenatural, o milagre e uma experiência mística e até mesmo mágica.

Este processo leva as pessoas a uma menor atenção a si mesmas, à sua história, a se considerar impotentes para qualquer mudança e apresentar dificuldade de compreender sua transcendência. O aumento da busca por uma espiritualidade mais superficial e menos comprometida

com a mudança pessoal e comunitária confirma essa realidade.

A relação com Deus como busca de prazer e consumo

O individualismo dificulta a ideia de uma vida comunitária, justifica a indiferença, estimula a busca do prazer e do consumo. As relações humanas e a relação com Deus passam a caber dentro da perspectiva da busca pessoal de consumo e lucro e da ideologia dos grupos religiosos de “sucesso”. Estimula a busca do poder de Deus não para ser e servir, mas para ter e ser reconhecido/a no seu ambiente.

É na vida comunitária que aprendemos sobre nós e sobre as outras pessoas, que aprendemos a amar conhecendo os defeitos, aprendemos a criticar e ser criticados/as e a perdoar e amadurecer a partir das crises. Buscando consumir relacionamentos, as pessoas perdem a oportunidade de prática cristã como material para o pastoreio de Deus sobre suas vidas.

Discipulado
e Missão

A família

A família tem uma realidade especial nesse tempo com uma variedade de novas estruturas. Por exemplo, as mulheres estão no mercado de trabalho e encabeçando mais de 30% das famílias no Brasil, e com maior percentual no Nordeste;

atitudes de violência na família que se reproduzem na escola e na rua com cada vez mais casos de agressões de grupos de adolescentes a pessoas sem possibilidade de defesa. A fragilidade dos vínculos enfraquece o sentimento de pertença, de segurança e de valo-

breviver como instituição. De fato, nós vamos à Igreja para servir a Deus e recebemos de graça tudo o que Ele nos dá, mas a Igreja recebe a pressão dessa busca de consumo de bençãos, milagres, o que contradiz a teologia da graça. Também sofre a pressão da sobrevivência como instituição tanto do ponto de vista econômico quanto de encontrar um caminho que possa ressignificar as vidas das pessoas e anunciar a boa notícia do evangelho na realidade atual.

conbis.com/42-28218070

significativos como o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei Maria da Penha, a valorização da igualdade de gênero e outras, mas alguns desafios nos convidam a olhar para a nossa missão:

Como buscar a santificação pessoal e comunitária considerando o desenraizamento, a dificuldade de interiorização e de descoberta do sentido da transcendência?

O Metodismo requer vida de disciplina pessoal e comunitária, expressão do amor a Deus e ao próximo, a fim de que a resposta humana à graça divina se manifeste através do compromisso contínuo e paciente do crente com o crescimento em santidade (1 Pe 1.22; Tt 2.11-15) [PVMI. Cânones 2007-201, p. 37].

As atividades promovidas pela Igreja precisam considerar estimular a interiorização como espaço privilegiado da ação de Deus na nossa vida. Lemos em Romanos 5.5: *Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.* A vida devocional pessoal e comunitária, a leitura pessoal e o estudo participativo da Bíblia, a oração e partilha da vida debaixo da graça de Deus vai tecendo nossa busca

crianças vivendo apenas com um dos pais ou com avós ou com parceiros/as de um dos pais que às vezes trazem outros filhos para o grupo.

O estabelecimento de vínculos mais frágeis e a dificuldade de estabelecimento de limites geram

rização da convivência facilitando o ingresso em experiências como o uso de drogas lícitas e ilícitas.

A Igreja

A Igreja inserida nessa realidade tenta ser fiel a Deus e ao mesmo tempo so-

lar grande risco de ceder às pressões e abrir mão do evangelho para continuar a existir.

Claro que há muitos outros aspectos da realidade que precisamos conhecer e analisar para pensarmos na missão: avanços

**Discipulado
e Missão**

de santificação como pessoas e como Igreja.

É necessária a valorização dos gestos, da comunicação interpessoal que se dá por escolha, da valorização da singularidade humana e da promoção de condições e espaços de expressão da criatividade e individualidade de cada pessoa, através da arte, da expressão da sua fé e da cultura, da reflexão, da partilha e de apoio mútuo que diminuirão o sofrimento e possibilitarão a ressignificação da vida.

A promoção de espaços de convivência na Igreja nos diversos grupos e a ênfase em *Promover o discipulado na perspectiva da saiação, santificação e serviço* (Plano Nacional Mississário 2012-2016, p. 21) pode não ser atraente para as pessoas vivendo o individualismo e o imediatismo do consumo, mas vão ajudar a quem participa descobrir o prazer de seguir a Jesus.

Também é necessária na missão da Igreja uma atenção especial à família como espaço privilegiado de relacionamento, aprendizagem da vida e de Deus. Seja qual for a estrutura das famílias que estão em nossa Igreja, precisamos promover o

estabelecimento de vínculos seguros, o diálogo e a vivência dos valores do Reino.

Como a nossa Missão pode ser prática do bem pessoal e comunitário?

Como Igreja, somos um corpo a serviço e somente sob a orientação do Espírito Santo, a Igreja pode responder aos imperativos e exigências do Evangelho, transformando-se em meio de graça significativo e relevante às necessidades do mundo (Jo 16.7-11; At 1.8; 4.18-20) (PVM. Cânones 2007-2011, p. 37). A relação com Deus coloca diante de nós o modelo de Jesus Cristo que respondeu à realidade com amor e sem negociação dos princípios do Reino.

Como pessoas inteiras somos sujeitos e podemos ter atitudes decisivas no mundo em que vivemos. Mas, não somos sózinhos. Vivermos em relação. Relação com Deus, relação com as pessoas, relação com a natureza e conosco mesmos/as.

A busca de santificação não é um fim em si mesmo. O amor de Deus em nós não se esgota em nós e se traduz em ações. Não basta apenas saber o que é correto, mas também ter

capacidade para fazê-lo. Aprender de Deus implica em transformar a palavra de Deus em hábito, em prática de vida. É uma prática consciente e determinada, pessoal e como Igreja que pela disposição interior adquirida deve chegar a fluir naturalmente.

Assim é a presença profética da Igreja promovendo vida na comunidade onde se insere que vai ser evangelizadora revelando a presença do amor de Deus e promovendo esperança. A missão da Igreja Metodista é participar da ação de Deus no seu propósito de salvar o mundo (Constituição da Igreja Metodista. Art. 3º).

Como a nossa comunicação pode apoiar a missão?

A Comunicação Cristã, como parte da missão, é o processo de transmissão da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, pelos veículos da comunicação social, visando à transformação da pessoa e da sociedade segundo as exigências do Reino de Deus" (PVM. Cânones 2007, p. 47)

Numa realidade onde as pessoas leem menos, refletem menos, tem menos

tempo de concentração, dificuldade de interiorização e se interessam principalmente por estímulos visuais e auditivos, é importante pensar uma forma de comunicar que alcance as pessoas, mas que estimulem o encontro consigo mesmas, com Deus e com as outras pessoas.

Não basta apenas transmitir mensagem, doutrina, conteúdos de fé, mas é imperativo torná-los vivos e fonte de vida para quem os recebe (Plano Nacional Missionário 2012-201, p. 49). Comunicamos com a palavra, com o corpo, com tecnologias avançadas, mas principalmente com o coração e com amor de Deus em nós.

A Igreja precisa enfrentar o desafio de uma comunicação atraente e atual que promova a conexidade, cultive a identidade histórica do metodismo e crie esperança.

Que Deus possa nos dizer: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome e me deste de comer... (Mt 25. 31-36)

Jane Menezes Blackburn é leiga e diaconisa metodista na Região Missionária do Nordeste. Integra o grupo de consultoras/es da Rede CLAVES Brasil.

**Discipulado
e Missão**

IGREJA, MISSÃO E CRESCIMENTO

Nicanor Lopes

Se perguntarmos para qualquer cristão o que ele mais deseja para o cristianismo ou para a sua igreja local, se esta pessoa for convicta de que a fé cristã é um elemento essencial para a vida humana, certamente responderá que o seu desejo é o crescimento do cristianismo ou de sua igreja local. Este, também, é o desejo da Igreja Metodista no que diz respeito ao exercício missionário de cada metodista. É, por isso, que no Plano Nacional Missionário 2012-2016, da Igreja Metodista, na parte “ONDE QUEREMOS CHEGAR” (p. 56), se afirma que uma das suas metas é: **Intensificar o zelo evangelizador.**

Portanto, para que esta meta missionária se cumpra algumas ações são necessárias. Pontuaremos a seguir algumas atitudes e premissas essenciais sobre o tema CRESCIMENTO DA IGREJA.

“Não” à sedução da moda

A primeira atitude pastoral que devemos assumir é não nos deixarmos seduzir pelo modismo do crescimento a qualquer custo, isto é, crescer numericamente para satisfa-

cer a vaidade institucional e/ou pastoral e assim fragilizando os elementos essenciais da fé cristã.

O principal alicerce do metodismo é a teologia da graça e, a sociedade brasileira tem assistido um tempo muito parecido com o denunciado

cristã. O foco no crescimento é ideologia de mercado e tem sua marca registrada na dimensão da dominação, quanto mais somos mais importantes nos sentimos. É exatamente o contrário da recomendação do evangelho que afirma: *Não*

corbis.com/4226816810



por Dietrich Bonhoeffer, a saber, o tempo da *graça barata que é inimiga mortal de nossa Igreja*. Ou seja, este é o tempo em que o compromisso com os valores do Reino de Deus ficam subjugados aos interesses da pessoa humana e a vida evangélica se resume em levar vantagens no cotidiano da vida sem compromisso ético e responsável.

Valores como amor ao próximo, solidariedade, compaixão, entre outros, não fazem parte da caminhada

será assim entre vós; antes, qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva (MT 20. 26).

Refletir criticamente

A segunda atitude pastoral é sabermos utilizar as teorias de crescimento da Igreja de forma reflexiva e crítica. É indiscutível a contribuição de Donald McGavran (1897-1990) fundador do Instituto de Crescimento da Igreja (“Institute of Church Growth”). Porém, se por

um lado McGavran contribui

com suas análises e numerologias para o crescimento da Igreja, por outro lado ele foi fortemente criticado por René Padilha com a teoria do *Princípio de Unidade Homogênea*.

No entanto, a crítica mais efetiva que se faz ao movimento de McGavran é que sua estratégia de crescimento da Igreja nunca levou em consideração a realidade social das pessoas; sua forma de ver o crescimento da Igreja o deixou cego às necessidades humanas, e sua luta pela expansão da igreja não contemplou as necessidades da justiça social.

Libertaçāo da numerofobia e da numerolatria

A terceira atitude pastoral é nos libertarmos de dois conceitos que estão embrenhados em nosso modo de ser. Por um lado temos uma NUMEROFOBIA (medo de números). Esta fobia é compreensível no meio metodista brasileiro pelo insucesso de meta numérica proposta ao longo de nossa história e os resultados nem sempre correspondem ao proposto.

Porém, nossa fobia em alguns casos é convertida em NUMEROLATRIA

Discipulado
e Missão

(obsessão ou idolatria por números). Aqui é comum nos esquecermos do princípio bíblico *Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento* (1 Co 3.6). É claro que devemos estabelecer metas para a Igreja, jamais devemos esquecer que a tarefa de plantar é do povo de Deus, quem recebe a graça de Deus, recebe uma quantidade inesgotável de sementes de vida, e essas sementes precisam ser plantadas, elas não são dadas ao povo de Deus para consumo próprio, pelo contrário elas servem para expansão do Reino de Deus.

Outro detalhe que não devemos esquecer é o cuidado, colocado por Paulo como a atividade de regar. Não é suficiente plantar é preciso cuidar, é uma lei da natureza. Porém, o crescimento pertence a Deus. Por isso é que esta atitude é de libertação: nós precisamos nos libertar da prepotência de querermos assumir aquilo que é de Deus e também nos libertarmos do medo do não resultado de nossa obra missionária.

Fidelidade ao nosso modo de ser

A quarta atitude pastoral que gostaria de propor

esta ligada à fidelidade ao nosso modo de ser. O compromisso missionário metodista reafirmado no 19º Concílio Geral, em Brasília/DF, é que continuamos a ser uma *Comunidade Missionária a Serviço do Povo – Espalhando a Santidade Bíblica pela Terra* e para isso assumimos a tarefa, no próximo biênio, de agirmos como *Discípulos e discípulas nos caminhos da missão cumprim o mandato missionário de Jesus*.

A atitude de fidelidade ao modo de ser cristão no contexto da Igreja Metodista permite que o crescimento da Igreja não seja motivado pelas estratégias de *marketing* porque números não têm memória, não guardam histórias de vidas, não tem emoções, e o pior de tudo, eles nunca se convertem, são sempre os mesmos – a unidade nunca será dezena, a dezena nunca será centena e assim por diante e se esta conversão acontecer, a matemática dará resultados falsos. Eu creio que é por isso que a Bíblia diz: *Digo-vos que assim haverá maior alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento* (Lc 15.7).

Assim sendo, pela reflexão pastoral acima desenvolvida é possível afirmar que o **crescimento da Igreja não é apenas numérico, mas formador de toda a pessoa para a vida de fé em comunidade e em serviço (dons e ministérios)**. E, por estarmos inseridos numa sociedade com um alto índice de concentração urbana, inclusive com as dificuldades próprias da urbanidade, é possível pensar o crescimento da Igreja dentro de algumas premissas.

✓ **Violência Urbana:** O evangelho é promotor da paz. A Igreja Metodista pastoralmente deve assumir a responsabilidade de semear a paz. As sementes que temos para plantar devem contemplar gestos de justiça e equidade e, ministerialmente, devemos regar essas sementes para possam gerar frutos da paz;

✓ **Solidão Urbana:** O evangelho não propõe uma fé solitária, egoísta e intímista, pelo contrário, as sementes do

Reino de Deus são sementes de comunhão e solidariedade. Cabe a nós semearmos espaços de acolhimento e compaixão espaços esses que cuidem (regam) das vidas áridas próprias da urbanidade solitária;

✓ **Intolerância Urbana:** o evangelho é perdão. O mundo urbano perdeu a capacidade de perdoar, porque a gente só perdoa depois que conhece, convive e entende o outro. É tarefa missionária metodista intensificar o zelo evangelizador na promoção do perdão e da reconciliação e para isso é necessário conhecermos a cidade, o bairro, a comunidade onde estamos inseridos;

✓ **Preconceito Urbano:** o evangelho propõe transformação da pessoa e das estruturas sociais. É própria dos centros urbanos a exclusão de pessoas que residem nas periferias, dos pedestres nos semáforos, dos/as meninos/as de

Discipulado e Missão

rua, etc. Temos as sementes da vida plena em Cristo e essas sementes devem ser plantadas e cultivadas em toda vida humana, em que se pese que nas realidades de

✓ **Habitação Urbana:** o evangelho entende que a casa ou a moradia da pessoa é espaço de dignidade, mesmo nas linguagens figuradas da Bíblia a habitação é espaço garantido para os fiéis,

para isso, o zelo evangelizador metodista pode assegurar, em todas as residências, a presença com estudos bíblicos, grupos de oração, espaço de confraternização e solidariedade.

fobia e muito menos com idolatria. É essencial o compromisso com um evangelho integral que garanta na ação pastoral a responsabilidade motivadora para que sejamos portadores/as das sementes de esperança do evangelho de Jesus e, como diz a parábola do Semeador, plantemos essas sementes nos mais variados terrenos.

E, uma igreja ministerial, isto é de *Dons e Ministérios*, deve ser consciente do cuidado com a semeadura. Se assim procedermos certamente cumpriremos a meta: **Intensificar o zelo evangelizador.** Pois, intensificar significa tornar mais forte, mais ativo, e certamente isto representa um grande desafio para o povo metodista brasileiro. Mas, devemos sempre estar convictos de que o crescimento vem de Deus. Assim, cumpriremos nossas responsabilidades missionárias com alegria e paixão, movidos/as e motivados/as pela Graça de Deus e não pela sedução do modismo religioso vigente.

Nicanor Lopes é pastor metodista e vice-reitor da FATEO, onde também atua como professor na Área de Teologia Pastoral (Missão e Evangelização).

preconceito o evangelizador precisar romper esses limites. Neste campo é fundamental que nossas igrejas sejam verdadeiros espaços de acolhimento;

na casa de meu Pai há muitas moradas (Jo 14.2). Dignificar a habitação das pessoas com a presença do evangelho é sinal da graça de Deus. E,

Discipulado e Missão



corbis.com/CSBR00234

Educação e missão: construção de pontes

Cloris Pinto de Castro

Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um: e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse em si mesmo um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. E, vindo, evangelizou a paz a vós outros que estavais longe, e paz também aos que estavam perto; porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito. Assim já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito. (Ef 2. 11-22)

Pensar a educação, pelo viés wesleyano, requer sempre uma referência teológica, pois, para John Wesley, religião e educação devem sempre estar imbricadas. Proponho

pensar a educação metodista à luz da centralidade da cruz: o que ela (a cruz) possibilita para todos os homens e mulheres de qualquer idade, cor, raça, nacionalidade, situação sócio-econômica?

O texto de Ef 2. 11-22 afirma categoricamente que todos – sem exceções – podem ser agraciados pelo sacrifício de Cristo na cruz. Esta é a principal mensagem da

outras palavras, em vez de destacar a cruz em seu aspecto salvífico e eterno como algo para ser desfrutado no céu ou na Nova Jerusalém (no ‘escathon’), destacamos a cruz em seu aspecto existencial, como algo que tem muito a ver como vivemos neste mundo (no ‘eon’). O desafio que proponho é olhar a cruz em sua dimensão educativa.

corbis.com/ RF007717



Igreja Cristã, portanto, deve ser incorporada na missão educacional da Igreja Metodista: a cruz como símbolo da Graça, tema bem presente na teologia wesleyana.

Numa perspectiva educacional, apontamos a cruz mais em sua dimensão imanente (existencial) e menos em sua dimensão transcendente. Em

A cruz derruba todos os obstáculos que impedem a comunhão humana

O texto de Efésios 2.11-22 fala de algo que Cristo fez para que pudéssemos fazer parte da “Família de Deus”. Jesus derrubou a parede da inimizade, o muro da separação (vv. 14-16). Na obra

de Cristo não pode haver nada que nos separe, pois além de derrubar e destruir todos os obstáculos que pudessem separar os humanos, ele ainda **anunciou a mensagem da paz**.

Quando o Apóstolo Paulo fala que a cruz de Cristo derrubou *a parede de separação, que estava no meio, a inimizade* (v. 14), ele se refere ao muro (parede) que separava o átrio dos gentios da parte central do templo de Jerusalém, onde só os judeus podiam entrar. Era uma parede de mais de um metro de altura (*hēl*, no Hebraico). Nessa parede, estava inscrita em letras grandes, em latim e grego, pintadas de vermelho em calcário branco, a seguinte expressão: *Que nenhum gentio entre para dentro da balaustrada e cerco ao redor do santuário. Qualquer pessoa que for apanhada assim será a única culpada pela sua morte, que se seguirá.*

No grego, a tradução de *hēl* é *mesotoichon*, cuja tradução literal seria: parede do meio, parede divisória. No grego, a diferença entre muro e parede é de apenas uma letra: *teichos*, para muro e *toichos*, para parede. No

**Discipulado
e Missão**

texto lido para nossa reflexão, é *mesotoichon*, pois fala de uma parede do meio (*meso*) que divide. Não se trata, portanto de muro ou parede de proteção, que também eram comuns naquela época, mas de separação.

A cruz nos coloca como parte da Família de Deus

O texto afirma que pela cruz somos reconhecidos como parte integrante da “Família de Deus”. E não é só isso: afirma também que somos “Santuário dedicado ao Senhor” e “Habitação de Deus, no Espírito” (Ef 2. 19-22). Essas expressões, além de fazerem bem aos nossos ouvidos e aos nossos corações, nos dão a segurança da relação de pertença. É muito bom saber que fazemos parte de uma comunidade, que temos uma família muito maior que a nossa própria família. E, melhor ainda, temos a convicção de que Deus habita em nós, pois somos “Habitação de Deus, no Espírito”.

Porém, não podemos nos enganar, pois não é muito fácil ser “Família de Deus” ou “Habitação de Deus, no Espírito”. A

cruz de Cristo afirma que isso é possível, contudo, precisamos também fazer a nossa parte para que essas imagens-metáforas se transformem em realidade.

Prefiro olhar estas expressões como promessas, ou melhor, como possibilidades a serem apropriadas pela fé e pelas nossas atitudes. Entretanto, todo e qualquer processo educativo, numa perspectiva wesleyana, precisa ajudar os cristãos a compreender que a “Família de Deus” se expande para além das fronteiras e paredes dos nossos templos.

É muito comum construirmos muros ou paredes que nos dividem enquanto cristãos e que nos separam das demais pessoas e povos que habitam conosco o mesmo mundo. Na África do Sul, temos o exemplo de Nelson Mandela, líder educado na tradição metodista que, fundamentado na teologia wesleyana da Graça, entendeu que a cruz é símbolo de aproximação e não de divisão. Ele viu no ‘apartheid’ um muro que precisava ser derrubado e que, por um processo educacional, pontes deveriam ser construídas.

Discipulado
e Missão

Infelizmente, antes e depois de Cristo, a humanidade sempre construiu muros ou paredes de separação. Todos estes obstáculos, alguns considerados entre as sete maravilhas do mundo, como a “*Muralha da China*”, ruíram por inteiro ou em parte, ou simplesmente não foram suficientes para aplacar a violência e a força dos inimigos. Quem não se lembra do famoso *Muro de Berlim*, que até 1989 era símbolo de uma outra parede ideológica e simbólica: a *Cortina de Ferro*. Hoje, em pleno Século XXI, continuamos a construir muros e paredes divisorias. Vejam um outro exemplo mais recente: “o Muro da Vergonha”, que separa os Palestinos dos Judeus na faixa de Gaza. Há ainda o muro que separa os Estados Unidos do México. Além dos muros concretos, há milhares de muros e paredes ‘invisíveis’. No lugar das paredes e muros, a mensagem educativa da cruz aponta em outra direção – a **construção de pontes**.

A cruz em sua dimensão educativa aponta para a

construção de pontes

Quando, por meio de sua cruz, Jesus derruba as paredes e os muros da inimizade, que separam a humanidade, ele indica um outro caminho: o **da reconciliação fundamentado no amor gratuito de Deus**. O contraponto da inimizade é a **conciliação, a amizade, o encontro, a aproximação e o respeito às diferenças**. Foi por este motivo que Jesus evangelizou a paz (*shalom / eirene*) a todos, possibilitando que a paz pudesse ser a referência maior para a convivência humana em todos os níveis, do doméstico ao nível das relações políticas entre as nações. Tive acesso a duas pequenas cruzes pertencentes a uma amiga, Magali do Nascimento Cunha, professora da Faculdade de Teologia e membro do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas.

Estas cruzes têm um valor simbólico muito forte. Uma delas, feita de metal, foi construída pelos cristãos palestinos a partir de balas perdidas e cartuchos que foram coletados na faixa de Gaza. A outra, de madeira, também construída por cristãos



corbis.com/4226637685

palestinos, que usaram madeira de oliveiras que foram cortadas para abrir espaço para a construção do muro da separação, conhecido como o “Muro da Vergonha”. Essas cruzes simbolizam o desejo, não apenas dos cristãos e cristãs palestinos, mas de boa parte da humanidade, de **que da morte brote a vida** e, assim, não haja mais muros separando os povos e as pessoas.

Educar: demolir muros e construir pontes

A cruz de Cristo não admite a construção de muros e paredes. A cruz pressupõe a construção de pontes no espaço público. Podemos aproveitar o mesmo material (entulho) dos muros e paredes derrubadas para construir pontes de conciliação, de amizade e de comunhão. Ponte é o local que possibilita o encontro, a aproximação e o diálogo. De acordo com a tradição metodista, a principal ponte que podemos construir é o amor ativo.

Para Wesley, *a presença de Deus no mundo é graça; sua natureza é graça; a graça é o que Deus é, o que ele sempre é: amor atuante*. Wesley

entendia a santificação como sócio-comunitária: *não há santidade que não seja santidade social... reduzir o cristianismo tão somente a uma expressão solitária é destruí-lo*. A santificação pressupõe a vida comunitária e a inserção dos cristãos no espaço público. Em outras palavras, a santificação pressupõe a construção de pontes.

Wesley, em um de seus sermões, chega a apontar que conhecimento sem amor não tem qualquer significado à luz da Graça de Deus: *Porque havendo ainda amor, mesmo com muitas opiniões errôneas, ele deve ser preferido à verdade despojada de amor. Podemos morrer sem o conhecimento de muitas coisas e seremos, ainda, levados ao seio de Abraão; mas, se morrermos sem amor, do que nos valerá o conhecimento*.

Pouco antes de sua morte, em 1789, Wesley

pregou um sermão sobre a diminuição do fervor dos metodistas na missão. Douglas Meeks propõe a seguinte tradução para o título do sermão: *Por que o rearivamento metodista tem fracassado?* A resposta de Wesley é que os metodistas estariam perdendo a única coisa indispensável. Eles não doam... Eles se recusam a serem dádivas pela Graça de Deus e perderam o dom da autodoação.. Wesley poderia ter dito: ‘os metodistas deixaram de construir pontes’. Entretanto, vemos hoje, em diferentes partes do mundo, o povo chamado metodista construindo pontes que colaboram para melhorar a qualidade de vida das pessoas e do planeta e, em alguns casos extremos, a diminuir a fome e a miséria de milhares de vidas.

Dante da mensagem educativa da cruz,

somos desafiados a ser educadores e educadoras construtores de pontes e demolidores de paredes e muros, que aqui são vistos como obstáculos à comunhão humana.

Infundidos pela Graça e o Amor de Deus, sejamos educadores que saibam construir pontes para tornar o nosso mundo mais justo, sustentável, colaborativo e habitável. Para conclusão, deixo uma pergunta de Wesley que mostra a todos nós quão importante é a construção de pontes a partir das necessidades concretas da existência humana: *refleti vós que tendes vida tranquila sobre a terra e de nada tendes necessidade senão de olhos para ver e de ouvidos para ouvir e de coração para entender o quanto Deus vos tem feito, quão terrível é o procurar o pão diariamente e não achá-lo?*

Clovis Pinto de Castro é pastor metodista e Reitor da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Palavra proferida na cerimônia de celebração dos 20 anos de criação do Comitê de Educação do Conselho Mundial Metodista, em reunião deste organismo na África do Sul, em julho de 2011.

**Discipulado
e Missão**

Discipulado, Missão e Ação Social

Jairma de Assis Guello

A Igreja existe para anunciar as boas novas do evangelho. Como podemos fazer isto?

O Ministério de Jesus aconteceu num contexto de muito rigor no cumprimento das leis. Os doentes e deficientes eram colocados à margem da sociedade, impedidos de entrar no Templo e mesmo nas cidades. E Jesus mostrou o caminho da

-se num canto, a cabeça entre os braços e soluçou como uma criança. Um pouco mais calmo, um garçom veio trazer-lhe um chocolate quente e dois pãezinhos. Ele disse ao garçom que não havia pedido nada e que não tinha dinheiro, ele responde que uma senhora já havia pago, mas tinha ido embora. Ele relembrava que neste momento suas “lágrimas não eram as mesmas, ele

da graça, não pensa em um capítulo importante da teologia. Ele sente o gosto do chocolate quente e a maciez dos pães. Ele não tinha nada, realmente mais nada e, no entanto, sabia que nunca mais lhe faltaria qualquer coisa. Um gesto simples, de efeito impactante e transformador. Ele deixou de ser vagabundo e passou a ser um peregrino em busca dos valores do Reino de Deus.

O Reino de Deus e sua justiça

O Salmista diz a Deus: *em tempos remotos lançastes os fundamentos da terra; e os céus são obras das tuas mãos* (Sl 102. 25). Mas este universo, criado para ser perfeito, foi contaminado pelo pecado, pela desobediência e isto impede a realização dos desígnios de Deus. Deus, em seu infinito amor, nos deu a vida e testemunho de Jesus Cristo, para que houvesse a reconciliação da natureza, do ser humano, dos valores da vida com os valores do Pai e nos ensina a prática da fraternidade entre todos como caminho.

O Reino de Deus está entre nós. É responsabilidade de cada um, discípulo e



combris.com/42-18366700

reconciliação, da restauração e da participação na vida da comunidade. Todo o ser humano anseia por pertencer, ser reconhecido e amado.

Jean Yves Lelloup, um teólogo da atualidade, relata sua experiência de conversão quando vivia em condição de “homem de rua” e, num momento de extremo desespero, fome e fraqueza, sentou-

sentia fundir em si mesmo algo de infinitamente duro e, pela primeira vez, sentiu o que queria dizer ‘ter um coração’. A palavra Amor e a palavra Deus formaram uma outra palavra, um outro nome para o Amor, um outro nome para Deus, mas eram as mesmas palavras unidas e inseparáveis”.

Hoje, quando esse teólogo fala

**Discipulado
e Missão**

discípula do Senhor Jesus, trabalhar para antecipar os sinais deste Reino, contribuindo para que seja real na vida das pessoas o sonho de Deus para cada uma delas. Uma vida de sentido, de provisão, de acolhimento e de alegria. E a Igreja cumpre este desafio quando sinaliza o Reino de Deus em ação.

E, nesta caminhada da Ação Social da Igreja, há algum tempo atrás comecei a questionar a realização deste trabalho através das parcerias com o poder público. As organizações sociais estavam sendo consideradas como “operadoras de sistema”, isto é, faziam a assistência social acontecer, através do repasse de verbas públicas. Além disso, as exigências do “pagador” com relação à excelência do trabalho, das prestações de contas, pareciam distantes da prática da fraternidade na sua essência. O que me fez refletir e pensar de forma diferente foi a frase final de uma apresentação de Silvia Kivitz sobre o Voluntariado, numa Convenção de Associações Metodistas de Ação Social (AMAS): “Nada deu quem deu do seu mas não deu de si”. Então pude perceber a

oportunidade que temos quando abrimos as portas da Igreja à comunidade e mostramos a riqueza do amor de Deus. Através destas parcerias também exercemos nossa cidadania terrena, garantindo a justiça social: somos o caminho para que os recursos destinados para a Assistência Social se transformem em benefícios para as pessoas que deles necessitem.

A Igreja em Ação

Roger Garaudy, no livro *Rumo a uma Guerra Santa?*, cita dados do FMI, do Banco Mundial, que nos colocam diante de uma alarmante realidade: a cada dois dias morrem 150 a 200 mil pessoas em consequência da exclusão e da falta de políticas ligadas à vida. E diante desta realidade, Leonardo Boff, no livro *Esírito na Saúde*, nos faz refletir sobre a espiritualidade:

Temos um crescimento econômico fantástico. Nunca se acumulou tanta riqueza e tantos conhecimentos tecnológicos às custas de uma taxa de perversidade e injustiça social jamais vista antes. O grande desenvolvimento tecnológico é profundamente inumano porque não é repartido, não produz vida. Produz morte. A espiritualidade

defende a vida, defendem todos os que precisam (a natureza, os animais, os seres humanos). Espiritualidade implica todo esse conjunto de relações. No ser humano é esta capacidade de transformar estes fatos em uma experiência de protesto e libertação, em uma prática política na defesa da vida, do corpo vivo, de sua sacralidade, protestando contra todos os mecanismos de morte, em todas as instâncias.

No mundo moderno as carências se apresentam de infinitas formas e precisamos saber identificá-las e aproveitar as oportunidades. A carência de sentido para viver que leva tantas pessoas ao abuso e à compulsão (álcool, drogas, comida, etc.) em busca de alívio para suas angústias. Carência de companhia e afeto que se abate sobre os idosos em todas as classes sociais. Carência de atenção, amor e disciplina que padecem as novas gerações. A carência de oportunidades que tornam vulneráveis as pessoas analfabetas e sem formação profissional.

Por isto precisamos estar atentos à realidade da nossa Igreja, do nosso bairro, da nossa cidade, do nosso país e perceber a distância que existe entre

o mundo que vivemos e o Reino prometido por Deus. E isto nos desafia para a reconstrução de nossa história, através do resgate de vidas que clamam por salvação integral.

Abrindo portas

Através do trabalho dos Ministérios de Ação Social e das Associações Metodistas de Ação Social, podemos abrir outras tantas portas: para a prática do voluntariado, para o desenvolvimento profissional, para a pesquisa em diversas áreas, para oportunidade de trabalho remunerado, para a melhor capacitação, para o envolvimento de pessoas da igreja e do bairro, para as doações e contribuições de toda sorte. E neste contexto, o exercício do amor e da compaixão traduz o Amor de Deus que está em cada um de nós. É no trabalho diário, no gesto, no olhar, na disciplina que a vida acontece.

Muitas vezes olhamos um Projeto Social como uma construção intelectual, com objetivos, estratégias, metas, mas ele acontece na vida das pessoas de maneira transformadora, o que para nós é difícil

Discipulado
e Missão



imaginar, pois a restauração de vidas acontece pela ação do Espírito Santo e Ele usa práticas que estão além do que podemos imaginar.

sentido profundo de buscar as origens (nascer com) dos graves problemas sociais que enfrentamos e a cada dia nos surpreendem pela violência,



corbis.com/GBR001189

Tenho tido a oportunidade de ouvir testemunhos surpreendentes de vidas já sem esperança que encontraram – no simples gesto de acolhimento, sem críticas e sem cobranças – um novo caminho para restauração pessoal e familiar.

E a Igreja pode dar muito de si mesma, quando busca conhecer, num

pela falta de sentido, pela pouca valorização da vida. Buscar conhecimento sobre estratégias possíveis e colocá-las em prática através de ações grandes ou pequenas, mas que gerem frutos de salvação.

Semeia sempre!

No campo do mundo tu és um semeador.

Não podes fugir à responsabilidade de semear.

Não digas que o solo é áspero, que chove amiúde,

que o sol queima ou que a semente não serve.

Não é tua função julgar a terra, tua missão é semear.

A semente é abundante. Um pensamento,

um sorriso, uma promessa de alento, um aperto de mão,

um conselho, um pouco d'água, são sementes

que germinam facilmente.

Não semeies, porém, descuidadamente como quem cumpre uma missão desagradável.

Semeia com interesse, com amor, com atenção,

como quem encontra nisso o motivo central de sua felicidade.

E, ao semear, não penses: "Quanto me darão?

Quanto demorará a colheita?"

Recorda que não semeias para enriquecer

aguardando o ganho multiplicado,

semeias porque não podes ficar inativo,

porque não podes viver sem dar, porque não podes

És dono de ti mesmo, da vida e do universo.

Tua semente não cairá no vazio.

Sem esperar recompensa, receberás recompensa, sem esperar riquezas, enriquecerás,

sem pensar em colheita, teus bens multiplicarão.

E tudo porque semeias num Reino onde tudo é receber,

onde perder a vida é encontrá-la, onde gastar-se servindo é aumentar.

Semeia sempre, em todo terreno, em todo tempo, a boa semente com amor, com interesse, como se estivesse semeando o próprio coração.

Sê, pois, um SEMEADOR.

Que Deus nos ajude em todo o tempo, capacitando a Igreja para uma renovação de seu propósito de servir a Deus, servindo ao próximo em suas necessidades, apontando para uma vida de esperança e paz através do Evangelho de Cristo Jesus.

Jairma de Assis Guello é leiga metodista e secretária-executiva de Ação Social da 3ª Região Eclesiástica (Grande São Paulo, Baixada Santista e Vale do Paraíba)

*Discipulado
e Missão*

Faculdade de Teologia: um espaço de formação para a Igreja

Suzel Tunes

Quem vê o campus da Faculdade de Teologia no Rudge Ramos, dos prédios Alfa ao Ômega, passando pelo lindo cenáculo de oração e por uma biblioteca espetacular, talvez nem imagine que o curso de Teologia da Igreja Metodista chegou em São Paulo ocupando uma casa modesta da rua Cubatão, em 1940. O imponente edifício Alfa, que seria inaugurado em 1942, só foi erguido graças a doações das igrejas. Irmãos e irmãs de todos os lugares do país, de todas as idades e classes sociais uniram-se para construir a “Casa de Profetas”. Houve uma senhora que retirou os próprios brincos para ofertar à construção e ainda se dispôs a lavar roupa para levantar mais recursos. O nome dessa irmã, e de tantas outras pessoas que se doaram à missão, perdeu-se no tempo. Mas não a nobreza do gesto, que até os dias de hoje norteia as ações da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista: a FATEO jamais se esqueceu de seu compromisso como serva da Igreja de Cristo.

Buscando ser fiel à vocação para a qual foi cha-

mada, a FATEO tem preparado obreiros para a missão, formando pastores e pastoras e capacitando membros das igrejas para atuação nos mais diferentes ministérios, como evangelismo, educação cristã e diaconia. Seus cursos de graduação (reconhecidos pelo MEC com conceito máximo desde o ano de 2000) e seus cursos de especialização tornaram-se referência em educação teológica no Brasil e na América Latina. Por isso, além de metodistas, a FATEO também recebe alunos e alunas de outras igrejas cristãs. A FATEO tem estudantes pertencentes a 15 diferentes confissões e busca ampliar esta presença entre as igrejas do ABC e das cidades mais próximas de São Paulo.

Atualmente, entre metodistas e membros de outras igrejas, a FATEO conta com 223 alunos/as no curso presencial de Bacharel em Teologia (manhã e noite); 730 alunos na modalidade a distância (com a mesma qualidade do curso presencial, também reconhecido pelo MEC); 183 alunos/as no programa de “Integralização de Créditos em

Teologia”, aberto a pessoas que cursaram Teologia na modalidade livre e queiram obter diploma reconhecido pelo MEC à sua formação teológica, completando a sua formação com o aproveitamento das disciplinas já cursadas. O curso EAD e o curso de Integralização de Créditos contam com uma rede de 31 pólos re-

que o/as estudantes do CTP cumprem a carga horária presencial do curso, eles ficam hospedados no campus da FATEO. Esse mesmo benefício é concedido aos alunos bolsistas estudantes do Curso de Teologia Presencial encaminhados/as pelas Regiões Eclesiásticas da Igreja Metodista,

Arquivo FATEO



Projeto Visitando nossa História: Igreja Metodista do Ipiranga visita a Biblioteca do Edifício Ômega

cionais de apoio presencial por intermédio de recursos tecnológicos (transmissão por satélite e plataforma na Internet). Completam o corpo discente de 1.232 estudantes da FATEO os 96 do Curso Teológico Pastoral (CTP), este oferecido exclusivamente a membros de igrejas metodistas em todo o país.

Durante a quinzena em

após participarem do Programa de Orientação Vocacional. Garantir moradia de qualidade aos estudantes metodistas também tem sido uma das metas da FATEO no último biênio, com a realização de reformas nos apartamentos e a criação de um restaurante em regime de cooperativa para oferecer refeições a preços de custo a alunos/

FaTeo no
bênio

as e funcionários/as da Faculdade.

Além de cursos regulares, a FATEO atua como um centro de estudo e formação para lideranças evangélicas. Assim, está oferecendo o curso de

especialistas em Antigo e Novo Testamentos.

Para as igrejas locais, um programa cada vez mais concorrido é o “Visitando nossa História”. Oferecido aos domingos, é uma oportunidade que a

murais do prédio Ômega, que retratam figuras históricas como Otilia Chaves e o bispo Scilla Franco.

Além do programa Visitando nossa História, que tem lista de espera e precisa ser agendado com antecedência, tal o interesse das igrejas, um outro espaço da FATEO aberto à visitação é o Centro de Memória Metodista. Inaugurado em 2010, no dia 2 de setembro, Dia da Autonomia da Igreja Metodista, o Centro de Memória guarda um rico acervo documental da história do protestantismo brasileiro. Sob a coordenação do bispo professor Paulo Ayres, integram o Centro de Memória o Museu Guaracy Silveira, o Arquivo Geral da Igreja Metodista e o Arquivo Histórico da FATEO.

quartas-feiras, das 13h às 18h e às sextas, das 13h às 22h. Afinal, a busca do saber por meio da leitura é marca histórica do metodismo, desde sua origem e a FATEO tem buscado compartilhar com a comunidade o conhecimento que nasce das pesquisas e da experiência de seu corpo docente. Assim, uma atividade que recebeu bastante ênfase no último biênio é a publicação de livros da Editeo, a Editora da Faculdade de Teologia, sob coordenação do professor Helmut Renders.

Os livros da Editeo são feitos especialmente para atender às Igrejas, tanto no que diz respeito à formação teológica -- (por meio dos livros da série *Teologia Wesleyana Brasileira* e da recém-criada série



Diálogo Comunitário: Inclusão foi o tema no diálogo com a pastora Elizabeth Costa-Renders, assessora pedagógica para Inclusão na Universidade Metodista

Especialização em Aconselhamento Pastoral, em modalidade EAD e, no biênio 2010-2011, intensificou a oferta de oficinas e cursos de capacitação. Assim, além dos tradicionais Encontro Nacional de Mulheres Metodistas (realizado por meio de uma parceria entre o Programa de Extensão da FATEO e a Confederação Metodista de Mulheres) e do Encontro Nacional de Pessoas que trabalham com Crianças (em parceria com o Departamento Nacional de Trabalho com Crianças na Igreja Metodista), a FATEO está oferecendo curso de Aperfeiçoamento para Pastores/as e Líderes Cristãos/ãs. Na última edição do curso, no dia 22 de outubro de 2011, o tema central foi “O lugar da Bíblia na Vida da Igreja”, com a participação de professores metodistas e pentecostais

igreja tem de realizar uma escola dominical diferente e inesquecível, por intermédio de uma verdadeira viagem no tempo. Com a participação de professores do Centro de Estudos Wesleyanos, os visitantes conhecem os espaços da FATEO ao mesmo tempo em que aprendem fatos históricos relacionados a cada local. Assim, por exemplo, relembram o nascimento do cristianismo, visitando o Cenáculo, espaço devocional que reproduz, em escala 1:2, uma igreja do século 4º; aprofundam seus conhecimentos sobre o movimento wesleyano, enquanto apreciam quadros que retratam o fundador John Wesley e o rico acervo de obras na Biblioteca da FATEO e recebem uma bela aula sobre o metodismo brasileiro, ilustrada pelos



Centro de Memória Metodista: Professor Rui Josgrilberg mostra a visitantes acervo de obras raras

E não são apenas os/as estudantes do Curso de Teologia Metodista que podem ter acesso ao rico acervo da Biblioteca da FATEO. Ele fica disponível para consultas da comunidade, realizadas no local, toda as

Teses, que estreou com o livro do bispo Paulo Lockmann “Jesus, o Messias Profeta”) – como também para atender à necessidade de formação das igrejas locais, por meio da série *Cristianismo Prático*. A série Cristianismo Prático, com livros de bolso a preços

FATEO no
bênio

populares, já está no sétimo número e traz temas de interesse ao cotidiano das igrejas locais, como a responsabilidade ambiental, a inclusão de deficientes e o cultivo da oração.

Além da série Cristianismo Prático, as igrejas também podem contar com o *Anuário Litúrgico* e as revistas *Caminhando* e *Mosaico Apoio Pastoral*. E a FaTeo ainda oferece à Igreja outras oportunidades de capacitação, colaborando com o Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Destacam-se as semanas de estudo, como a Semana Wesleyana e a Semana de Estudos Teológicos.

Para a difusão do conhecimento, outro recurso bastante útil oferecido pela FaTeo é o seu site (<http://www.metodista.br/fateo>) que traz não apenas informações sobre o currículo oferecido, mas também notícias de atividades desenvolvidas para além das salas de aula, e materiais de apoio aos/as estudantes e às igrejas, como estudos bíblicos, liturgias e sermões. Assim, por exemplo, quem acompanhou o site da FaTeo logo depois das férias de julho deste ano, percebeu que o mês de recesso escolar não foi apenas de descanso. Houve muito trabalho! Fora da sala de aula, alunos e alunas da empregaram seus dons participando dos vários projetos missionários desenvolvidos pela Igreja Metodista no Brasil e até no exterior. O aluno Rafael Olivei-

ra teve a oportunidade de participar do Projeto Estônia, uma viagem missionária que nasceu de uma parceria entre o Projeto Voluntários em Missão, da Secretaria de Expansão Missionária da 1ª. Região Eclesiástica da Igreja Metodista juntamente com a Federação Metodista de Jovens. E vários outros estudantes da FaTeo engajaram-se

siásticas). Atualmente, 97 estudantes do 1º, 2º. e 3º. anos do Curso de Teologia estão alocados/as nas 55 igrejas, congregações e projetos participantes, com atuação direta na liderança dessas comunidades metodistas, sob a coordenação de professores/as. Além disso, estudantes do 4º. ano recebem nomeação pastoral para atuação em igrejas da 3ª.

gica à Igreja Metodista em Angola e Moçambique. Graças à colaboração da Igreja Metodista Unida, dos EUA, pastores/as africanos/as participam de uma temporada de três meses realizando cursos na FaTeo para se tornarem professores de Teologia em seus países. O projeto inclui a tradução e a remessa de literatura especializada e o envio de docentes para ministrar cursos nos países africanos. Dois docentes da FaTeo já ofereceram cursos em Angola.

Quando Jesus chamou a Igreja ao compromisso de “ir e pregar”, ele deixou claro que a mensagem do Evangelho ultrapassava barreiras geográficas, culturais ou sociais. As boas novas devem atingir todas as pessoas em suas necessidades especiais, o que inclui as necessidades relacionadas à locomoção e capacidades sensoriais. Por isso, ações de inclusão voltadas aos portadores de necessidades especiais também fazem parte do cotidiano da FaTeo, que tem oferecido palestras e capacitações sobre o tema, além de se adequar às normas de acessibilidade. O objetivo, sempre, é que a FaTeo continue sendo um espaço de formação da Igreja Metodista e aberto a todos e todas.

Suzel Tunes é leiga metodista, jornalista e integrante da Assessoria de Comunicação da FaTeo.



Curso de capacitação: Encontro à Distância para Mulheres Metodistas, realizado em parceria com a Confederação Metodista de Mulheres

nos projetos missionários Semana para Jesus e Dias para Jesus.

O engajamento missionário da FaTeo também se dá por meio da participação no Projeto Revitalizar Igrejas (PRI), em convênio com a Igreja Metodista em São Paulo (3ª. e 5ª. Regiões Ecle-

região Eclesiástica e todo o corpo docente de tempo integral está ativamente inserido em comunidades metodistas com ações pastorais clérigas e leigas. Dentre os projetos missionários, destaca-se ainda o Projeto SOL-África, por

meio do qual a FaTeo oferece formação teoló-

FaTeo no
bienio

A FaTeo no Concílio Mundial Metodista

Suzel Tunes

AFATEO iniciou o segundo semestre do ano letivo de 2011 com motivo dobrado para festejar. Entre os dias 1 e 8 de agosto, o Prof. Dr. Paulo Garcia, reitor da FATEO, e o Rev. Paulo Nogueira, presidente do Conselho Diretor, representaram a Faculdade no Concílio e Conferência Mundial Metodista – onde a FATEO foi recebida como instituição

Episcopal junto à Faculdade de Teologia, como presidente do Concílio Mundial Metodista.

Fundado em 1881, o CONCÍLIO MUNDIAL METODISTA (World Methodist Council) é uma associação de igrejas de tradição metodista, com o objetivo de promover a unidade, aprofundar a comunhão, incentivar o evangelismo, promover a educação cristã e fortalecer a missão. A

vimento wesleyano, como a Igreja do Nazareno e o Exército da Salvação.

O evento ocorre a cada cinco anos. Em 2006, em Seul, na Coreia, foi eleito presidente o pastor inglês John Barrett, tendo o Bispo Paulo Lockmann por vice-presidente. O reconhecimento internacional do metodismo brasileiro e latinoamericano confirmou em 2011 o que todos já esperavam: a eleição do bispo Lockmann como presidente do Concílio Mundial, tendo a bispa Sarah Francis Davis, da Jamaica, como vice e o leigo Kirby Hickey, dos Estados Unidos, como tesoureiro.

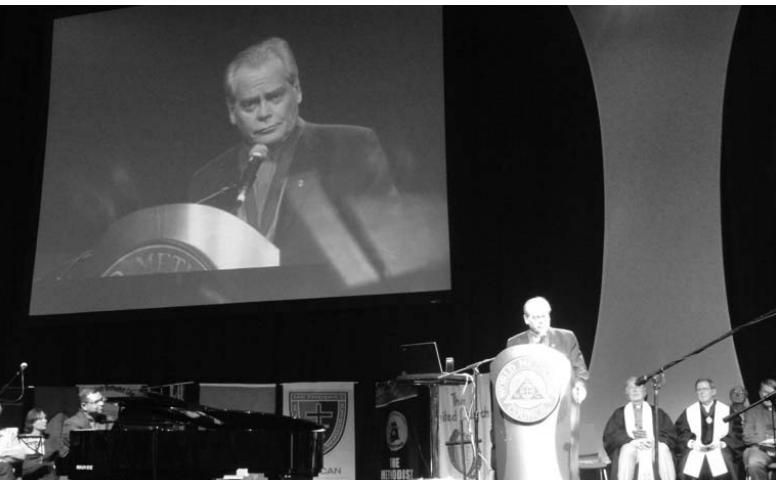
Neste ano, na 20ª. edição, o Concílio ocorreu entre os dias 1º. e 3 de agosto em Durban, na África do Sul, tendo como tema central “Jesus Cristo – para a Cura das Nações”. No mesmo local e sob o mesmo tema, o Concílio Mundial promoveu também a Conferência Mundial Metodista, entre os dias 4 e 8 de agosto, evento no qual foram realizadas palestras e mesas redondas para promover a comunhão, a reflexão e a

capacitação das lideranças metodistas mundiais.

**Saiba quem
mais representou a
Igreja Metodista do
Brasil no evento:**

Membros votantes:
Bispo João Carlos Lopes
Bispo Paulo Lockmann
Bispo Adonias Pereira do Lago
Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

Visitantes:
Rev. Ednei Reolon
Rev. Paulo Roberto Garcia
Rev. Paulo Nogueira
Revda. Joyce Plaça - Secretária Executiva do Ciemal (Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e o Caribe)



Bispo Paulo Lockmann pregando no Concílio Mundial. É o primeiro latinoamericano na função.

de referência no ensino teológico latinoamericano. E, neste importante evento para 75 milhões de membros da família wesleyana espalhados pelo mundo, eles tiveram o privilégio de assistir à eleição do Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann, representante do Colégio

ele estão filiadas 78 igrejas da família wesleyana presentes em 136 países, segundo informações de 2006. Assim, fazem parte do Concílio não apenas igrejas que levam a palavra “metodista” no nome, mas todas aquelas que compartilham a herança do mo-

FaTeo no
biênio

Metodista que ocorreu em seguida. Como resultado desses diálogos, já nasceu uma parceria entre instituições de ensino metodistas do hemisfério sul: o Seminário Metodista Seth Mokitimi, da África do Sul; a Universidade Metodista da Coreia e a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista no Brasil estão estabelecendo um convênio para produção de material teológico e intercâmbio de alunos/as e professores/as.

Segundo o professor, as igrejas metodistas da África e da Coreia estão relendo o pensamento wesleyano dentro de sua perspectiva nacional, a exemplo do que faz o Brasil, com o Centro de Estudos Wesleyanos. Por isso, elas têm experiências similares a compartilhar, o que resulta numa relação pioneira: “sempre houve uma relação sul-norte no metodismo mundial. O que vemos agora, a partir da parceria sul-sul é uma mudança de eixo. E já existe a perspectiva de incluir a Índia nesse diálogo”, disse ele.

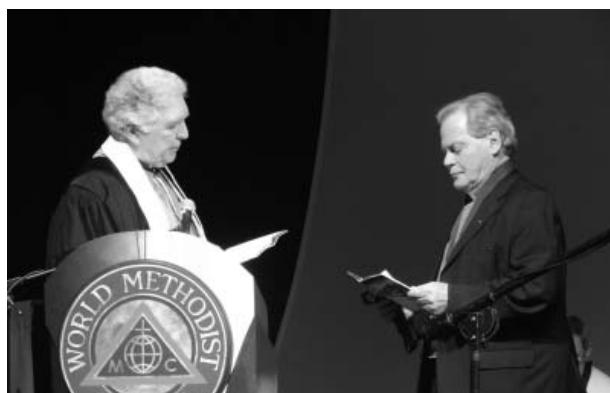
Hoje, as igrejas do hemisfério sul são as que mais crescem em termos do metodismo mundial. Por isso, as igrejas participantes do Concílio Mundial Metodista voltam-se com grande interesse para o sul, o que explica a eleição de um brasileiro à presidência do Concílio Mundial Metodista e um africano para cargo de Secretário Executivo (o



Minutos antes da cerimônia, o bispo Paulo Lockmann posa para foto ao lado do Reverendo Paulo Nogueira (à direita) e do Prof. Paulo Garcia *



Delegação brasileira na posse do Bispo Paulo Lockmann



Bispo Ivan Abrahams, da África do Sul, foi eleito para substituir o Dr. George H. Freeman, que se aposentou).

A escolha de um bispo brasileiro para a função foi um feito inédito não apenas para o metodismo brasileiro, mas latinoamericano. O bispo Lockmann é o primeiro presidente do Con-

cílio da América Latina. Ao assumir a presidência, numa emocionante cerimônia ocorrida no dia 8 de agosto, o bispo disse que se lembrou de companheiros de caminhada:

“homens e mulheres que amam a Igreja Metodista e que empenharam a vida para a consolidação do metodismo brasileiro”.

Em entrevista ao Programa de TV Vida e Missão, realizado pela 1^a. Região Eclesiástica, o Bispo Paulo Lockmann lembrou que as igrejas metodistas no hemisfério norte estão diminuindo numericamente, enquanto no Brasil ocorre aumento, a exemplo da 1^a. Região Eclesiástica da Igreja Metodista no Brasil. Segundo o Bispo Lockmann, o Concílio Mundial espera que ele venha “impregnar de paixão missionária” a Igreja Metodista no mundo.

Logo no início do evento, em seu relatório, o Dr. George H. Freeman, Secretário Geral do Concílio Mundial Metodista, agradeceu a Deus pela presença de cada participante, de tantas partes diferentes do mundo e justificou a existência do Concílio. Ele disse que muitas deliberações poderiam ser tomadas a distância, mas “a verdadeira alegria e satisfação estava no encontro com as pessoas”. Disse ainda que já tinha sido questionado acerca do motivo da realização de um Concílio Mundial. E respondeu: “faz parte do DNA do metodista reunir-se para conciliar. Esta é a essência do metodismo: dialogar e conciliar”.

Suzel Tunes é leiga metodista, jornalista e integrante da Assessoria de Comunicação da FaTeo.
* Com informações do site da Igreja Metodista (Primeira Região Eclesiástica) e do blog do Pastor Paulo Nogueira

FaTeo no
bíenio

A Natureza do Evangelho (Lucas 9.51-56)

Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

**“E aconteceu que,
ao se completarem
os dias...”**

Esta introdução nos obriga a retornar aos antecedentes desta passagem. Alguns momentos neste capítulo nos esclarecem sobre a que acontecimento se refere Lucas. Primeiro, o tema da morte e da ressurreição aparecem logo na abertura do capítulo 9, onde se fala da morte de João Batista. Herodes, perplexo, dizia: *Quem é, pois, este a respeito do qual tenho ouvido estas coisas?* Aqui, de certo modo, são os judeus perguntando através do rei Herodes. O texto seguinte mostra uma resposta possível (cf. Lc 9.10-17), pois a multiplicação dos pães, além de ser resposta imediata, é um recordatório de alguém que, como Moisés, e maior que este, traz sustento ao povo. Isso mostra a natureza irredutível de que Jesus, o Messias, veio para dar também respostas imediatas ao povo – o pão.

Na continuidade, aparece o episódio da confissão de Pedro, onde a dúvida que podia ainda existir é tirada (cf. Lc 9.18-23). Aí, é afirmado: *És o Cristo (Messias) de Deus.* Na sequência, Jesus anuncia

sua morte e ressurreição: É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite. Por fim, a título de introdução, cabe ainda sublinhar que há uma passagem antes do nosso texto de estudo.

A passagem que complementa esta visão introdutória é a da transfiguração; ali, confirmando o testemunho de Pedro, ergue-se a voz do próprio Deus: *Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi.* (Lc 9.35). O quadro traz outras memórias simbólicas, quais sejam:

O Monte: recorda que ali se está na intimidade de Deus; Ele é quem define a direção. Como no ministério de Moisés, o Horebe era lugar de encontro com Deus e decisão. O mesmo se pode dizer no ministério de Elias. O Carmelo e o Horebe foram para Elias lugares de decisão, de sair da prostração para a ação (cf. 1 Rs 18-19).

A transfiguração: nessa passagem, Jesus tem seu semblante transfigurado e suas vestes resplandecentes, como Moisés ao descer do monte (cf. Ex 34.29), e

mais, a nuvem desce sobre o monte, num sinal de uma teofania no sentido de manifestação divina. Tudo para confirmar a condição de Jesus como filho de Deus e Messias.

O anúncio: e ainda há um anúncio através da conversa com Moisés e Elias, qual seja, acerca da sua morte e ressurreição em Jerusalém: ... *foram visto em glória e conversaram com Jesus acerca de sua “partida” (exodon) que haveria de cumprir-se em Jerusalém* (cf. Lc 9.31).

Estudo do texto:

**...ao se completarem
os dias...
(Lc 9.51)**

Para Lucas, a história é algo importante. Ele escreve como um historiador, traído maiormente pelo pregador, ainda assim nos deu diversas referências históricas; umas herdadas da tradição, outras de suas próprias fontes. Como se pode conferir em Lc 1.5; 2.1; 3.1; 3.23; etc.

Aqui começa nossa aplicação. Deus tem propósitos e os revela a Jesus, e nós somos parte do processo da História da Salvação. Lucas sublinha

isso com diversas expressões, co-

mo a de Lc 9.51: *No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado... (Lc 1.26).* Ou: ... *Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir... (Lc 4.21).* Isso mostra que o Evangelho é uma herança de fé que precisa ser compartilhada; assim ele se perpetua, geração após geração.

Somos agentes de uma ação salvífica que começa em nós e se estende até os confins da terra. Dois livros da tradição metodista passam esta percepção da missão e da história: *Linha de Esplendor sem fim*, de Halford Luccock e *Estranha Estirpe de Audazes*, do Bispo Sante Ubero Barbieri. Onde estamos nesta caminhada? Na 1^a. RE, há um esforço de ocuparmos com o testemunho metodista todos os municípios do Estado do Rio de Janeiro, isso porque entendemos que mesmo havendo outras Igrejas Evangélicas, na economia do Reino de Deus há uma contribuição que cabe aos metodistas darem.

**... em que devia ser
assunto (elevado)
ao céu...**

Aqui está a confirmação do que foi sublinhado em nossa introdução so-

Sermão

contis.com/4228695327

bre o capítulo 9 de Lucas. A caminhada do Filho de Deus, o Messias e Profeta Jesus, incluiu a morte, o sofrimento, sem os quais não há ressurreição.

À semelhança do que ocorreu com Moisés e Elias, ambos submetidos a lutas, choro e muita dor (cf. Ex 17.4; 1Rs 19.9-10). Por que é importante dizer isso? Porque estão tentando tirar a dor e o sofrimento da caminhada do cristão com frases tipo: “Pare de sofrer”, “crente não fica doente”, a tal da fé positiva na qual dão ordens a Deus, e tantas outras heresias contemporâneas, que são repetidas tantas vezes nos púlpitos, rádio e televisão e que o povo acaba acreditando.

Até porque é conveniente, quem não gostaria de quitar aflição e sofrimento em sua vida? Mas o problema é que, apesar de atraente e tentador, não é bíblico! O livro de Jó é um exemplo disso. Não é possível encontrar um servo ou serva de Deus na Bíblia, que não tenha sofrido muito para cumprir o ministério que Deus lhes dera. Os profetas, em geral, cumpriram um ministério de dores. Vejamos alguns:

SENHOR, tem misericórdia de nós; em ti temos esperado;



*sê tu o nosso braço
manhã após manhã
e a nossa salvação no
tempo da angústia.*

Is 33.2.

*Prouvera a Deus
a minha cabeça se
tornasse em águas,
e os meus olhos, em
fonte de lágrimas!*

*Então, choraria
de dia e de noite
os mortos da filha
do meu povo.*

Jr 9.1.

*Vinde, e tornemos
para o SENHOR,
porque ele nos*

*despedaçou
e nos sarará;*

Sermão

*fez a ferida
e a ligará.*

*Depois de dois dias,
nos revigorará;
ao terceiro dia, nos
levantará, e viveremos
diante dele.* Os 6.1-2.

Preciso eu dar-lhes mais argumento bíblico? Não, vocês diriam. Mas, eu preciso mostrar mais dois definitivos:

*E,
estando em agonia,
orava mais
intensamente. E*

*aconteceu que o
seu suor se tornou
como gotas de sangue*

*caindo
sobre a terra.
Lc 22.4*

*Pelo contrário, em tudo
recomendando-nos a
nós mesmos
como ministros de
Deus: na muita paciê-
ncia, nas aflições, nas
privações, nas angús-
tias, nos açoites, nas
prisões, nos tumultos,
nos trabalhos, nas vigí-
lias, nos jejuns.
2Co. 6.4-5.*

Um lado perverso desse tipo de ensino herético é que junta testemunhos pontuais e circunstanciais de pessoas que viviam numa vida sem Deus, e que se convertem, experimentam a graça salvadora, e fazem propaganda do ministério “tal”. Só que elas não são instruídas que andar com Cristo não cria um super-homem ou supercrente imune a intempéries, aflições da vida. E o que ocorre? Essas pessoas vão enfrentar os problemas, novas dores, aflições, dos quais, como vimos ninguém, está imune. E então muitas delas desistem da fé e voltam ao modo de vida anterior, desapontadas, porque o “produto” perdeu a validade.

Triste e perverso, mas não para aí. O crente humilde que assiste a

tais programas da mídia, membro da Igreja há vários anos, começa a ver aquilo, e se pergunta: “Sou crente há 20 anos, dizimista, e nunca consegui comprar um carro, ou ter meu próprio negócio. O que há de errado comigo?”

Diante disso, fica o desafio: vamos crer na vitória que nos é dada em Cristo, mas sem esquecer que não há vitória sem lutas; nossas dores nos levam ao altar de Deus, e ali há graça e misericórdia em abundância.

...de ir para Jerusalém..

A decisão de Jesus obedece àquilo que estava previsto desde a profecia de Simeão no capítulo 2 de Lucas:

Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe do menino: Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição.
Lc 2.34.

A narrativa que consta em Lc 9.51-52 traz à tona questões vitais para se entender a natureza do Evangelho. A primeira mostra a opção de Jesus. Davi, o

grande rei de Israel, tem em Jerusalém seu princípio e término de suas incursões guerreiras. Jerusalém entra para a história como a cidade de Davi. Jesus fez da Galileia o ponto de partida de seu ministério; em Nazaré, Jesus apresenta seu plano missionário.

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o aneitável do Senhor. (Lc 4.18-19). Trata-se de Jesus começando na periferia: Galileia era a periferia de Israel, lugar suspeito, onde a pureza da origem judaica era colocada em dúvida; afinal, a Galileia era tida como terra de gentios. O sentido disso pode ser compreendido na afirmação de Jesus: ... há últimos que virão a ser primeiros... (Lc 13.30).

Para Jesus, sua base era a Galileia. Seus discípulos eram galileus, homens rudes como Pedro. Galileia era a periferia, terra impura para o Judaísmo

ortodoxo, a famosa Galileia dos gentios.

Qual é o sentido do início do ministério do ungido de Deus, o Messias e Profeta Jesus, ocorrer na Galileia? Mateus busca dar uma explicação messiânica para este começo (cf. Mt 4.12-17). Porém, a intenção de Lucas é apontar na opção de Jesus uma denúncia profética de cunho religioso, social e político. O convite ao arrependimento, a crítica aos religiosos, a bem-aventurança aos pobres confirmam isso. Não é por acaso que ali é o cenário do anúncio da basileia – o reino.

A tradição dos Evangelhos Sinóticos (Mateus, Lucas e Marcos) soube sublinhar esta opção contrastante. Natanael, em João, expressa esse preconceito com os galileus:

Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê. Jo 1.46.

E Mateus e Lucas, que recuperam o tema do nascimento de Jesus, em tudo deixam claro este contraste entre a realeza e nobreza de Israel, e o nascimento numa estrebaria do Filho de Deus, o Messias.

Tendo-se retirado os mensageiros, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto?

Um caniço agitado pelo vento? Que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que se vestem bem e vivem no luxo assistem nos palácios dos reis.
Lc 7.24-25

Sim, para Jesus e o Reino não importa qual a nossa origem, mas o que vamos fazer com a nossa vida. O seguimento a Jesus é de desprendimento, esvaziamento ou como Ele disse:

Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará.
Lc 9.23-24.

...Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos...

A opção de Jesus, de contrariar o roteiro normal dos judeus no

Sermão

caminho da Galileia para Jerusalém, é de um efeito tremendo, pois aqueles não punham os pés em Samaria, terra mais impura que a Galileia. As razões históricas deste preconceito podem ser longamente estudadas, mas basicamente se reportam a queda de Samaria como capital do Reino do Norte, e com os povos estrangeiros que vieram povoar Samaria, com seus costumes e religiões, tal evento histórico marca Samaria como terra impura.

A ida dos discípulos a uma aldeia de samaritanos ilustra isso: (1) Não estavam acostumados a verem grupos judeus, isto constitui numa surpresa; (2) Os discípulos que foram até a aldeia samaritana, certamente também não dissimularam seu contragosto de estarem pedindo favor a samaritanos, e certamente demonstraram arrogância do tipo: “Sabe bem com quem estão falando”. Tomaram uma porta na cara.

Os preconceitos são de todos os tipos, de raça, religião, de *status* social, etc. Mas todos humilham e desvalorizam o ser humano. Além de to-

dos dividirem, e criarem ódios e ressentimentos. Na base da maioria dos conflitos na história da humanidade, estão os preconceitos de toda espécie. É fruto do pecado que separa de Deus e dos irmãos. Jesus, ao cruzar Samaria, dá uma lição de inclusão. Deus ama os índios, os negros, brancos, pobres, viciados, e todos que de alguma forma sofrem discriminação. Deus ama a todos, e veio a este mundo para salvar todos.

A reação dos discípulos marca de modo claro a diferença entre o coração humano e o de Deus: *Vendo isso, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir* (Lc 9.54). Mas a resposta de Jesus aponta a natureza do Evangelho: *Jesus, porém, voltando-se, os repreendeu [e disse: Vós não sabeis de que espírito sois]. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.]. E seguiram para outra aldeia.* (Lc 9.55-56).

Sei que a crítica textual tem sublinhado que as expressões do final do verso 55 e o princípio do 56 não constam dos manuscritos mais reconhecidos do

Evangelho de Lucas, mas atribui, sim, originalidade a esta versão em fase de três razões: uma pessoal na qual atribuo valor ao códice D-Bezae Catabricensis do século V, que reproduz também tradições bem antigas; segundo acompanho a tese de Marshall em seu comentário clássico de Lucas, onde diz que este término está de acordo com a teologia de Lucas. Terceiro que nunca ocorre de Jesus repreender os discípulos sem explicitar o porquê, caso que ocorreria se encerrarmos a passagem sem as expressões: *vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens (e mulheres), mas para salvá-las.*

Aqui está a razão da encarnação de Deus em Cristo, a natureza do Evangelho. A lei e a sinagoga conforme a interpretavam os judeus, especialmente os Rabis, só tinham pedras para oferecer ao povo, muitas legislações, regras. Jesus disse que eles atavam um peso sobre o povo.

Mas o Evangelho não é isso. O Evangelho é graça: *Porque pela graça sois salvos,*

mediante a fé; e isto não vem de vós; é

dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie (Ef 2.8-9). Podemos dizer que é compromisso, zelo, consagração, mas é dom gratuito de Deus. Isto é escândalo para os que hoje exigem que o povo sacrifique, quase sempre dando o que não tem. Não se contentam com o preceito bíblico legítimo do dízimo. Querem sempre mais. Vivemos um paradoxo, onde evangélicos sem se darem conta, retornam ao seio da teologia católica, onde salvação, bençãos, dependem de obras, tratase do restabelecimento das indulgências.

Mas o Evangelho, mandato que dele recebemos, é ir a todo mundo e pregar a mensagem de salvação dada por Cristo ao mundo. De arrependimento, conversão, nova vida, ter o sentimento de Cristo, a mente de Cristo. Esta mensagem que todos precisamos experimentar e pregar. Deus seja conosco.

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann é presidente da 1ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista, presidente do Concílio Mundial Metodista e bispo-assistente do Colégio Episcopal para o Conselho Diretor da FaTeo. Sermão pregado na posse da presidência do CMM, na África do Sul, em julho de 2011.

Sermão

Javé é minha luz e salvação

(Reflexões sobre o Salmo 27)

Tércio Machado Siqueira

O Salmo 27 é uma composição do gênero lamentação. Cerca de 40 salmos são considerados lamentos, individuais ou cunitários. Geralmente, estes lamentos do livro de Salmos, pertencem ao ambiente do culto. Todavia, nem todos os lamentos

do lamento, como *Ai da nação...* (v.4), *Ai, tenho pena...* (v.24), todavia, este texto está envolvido com a linguagem jurídica de julgamento na corte.

Da mesma forma, o livro de Lamentações refere-se a outro tipo de lamento: aqui, trata-se da queixa fúnebre pela destruição de Jerusalém, morte e exílio do povo. O lamentos de Jeremias estão muito próximos da tipologia do livro de Salmos (Jr 20.7-18), embora tudo leva crer que os profetas faziam seus pronunciamentos em ambientes variados, fora do culto.

Portanto, o lamento é um gênero de comunicação que não se restringe ao ambiente do culto. Todavia, o Salmo 27 descreve a angústia de um crente javista e o desejo de sua libertação, com a linguagem litúrgica de uma celebração no Templo.

Para justificar a suspeita que o Salmo 27 é um lamento pronunciado por um crente javista, no culto, basta destacar a estrutura desta composição: o salmista declara que a sua confiança está em Javé (versos 1-3 e 13); ele faz

seu pedido (versos 4-5 e 7-8); ele expressa um voto (verso 6); ele revela a sua queixa (versos 9-12) e, finalmente, ele exorta a sua comunidade (v. 14). Esta sequência variada desta oração é repetida em todos os salmos de lamentação.

O estudo da data desta composição passa ser secundário em vista da intenção do salmista pronunciar esta queixa. Por que assumir tal conclusão? Simplesmente porque a presença de inimigos e opressores, na história do povo bíblico, é constante. As palavras hebraicas *asar*, opressor (v. 2 e 12), *oyeb*, inimigo (v. 2 e 6) e *xorer*, detratores (v. 11), são frequentes na literatura no Antigo Testamento. Dessa forma, o Salmo 27 serviu de oração de lamento para muitas e muitas comunidades, ao longo de séculos.

Portanto, a intenção maior desta meditação é analisar a intenção deste salmista. Aliás, esta é uma das virtudes da exegese bíblica: tentar aproximar, hipoteticamente, do autor da composição analisada.

Ficar somente na análise do

texto escrito é uma tarefa limitada para entendê-lo, mas quando o/a estudante tenta analisar o contexto sócio-econômico do autor, o texto começa ficar mais vivo e claro.

O problema vivido pelo salmista está dito no seu lamento (v. 9-12)

Não escondas Tua face de mim; não desencaminhes meu servo na ira. Minha ajuda Tu és. Não me deixes e não me abandones, Eloim de minha salvação! Eis que! Meu pai e minha mãe me abandonaram, mas Javé me acolheu. Ensina-me, Javé, meu caminho; guia-me na senda plana, por causa dos que me oprimem. Não me entregues à vontade de meus opressores. Eis que! Levantam contra mim testemunhas da mentira, e dá início à violência (v. 9-12).

Ao aproximar do salmista, o/a leitor/a e intérprete percebe que o problema do salmista é a percepção de abandono diante de pessoas que o oprimem com mentiras e violência, produzindo nele uma emoção de repulsa (v. 12).

Estudo
Bíblico



tiveram seus assentos na liturgia das celebrações cílicas. Por exemplo, o pronunciamento de Isaías, no capítulo 1, está permeado de termos, que pertencem à tipologia

O verbo *‘azab*, abandonar, é muito usado no período pós-exílico quando o povo bíblico experimentou a horrível sensação da ausência divina. Atribuído a esse período da história bíblica, o livro de Isaías registra a mesma preocupação: *Num ímpeto de indignação escondi de ti a minha face por um momento; mas com bondade eterna te compadeço de ti* (Is 54,8, conforme Sl 30,5).

A sensação de abandono era tal que o povo pensava que Deus se afastara dele, para sempre. A perda do Templo, da cidade de Jerusalém, do rei e da terra foi uma experiência sofrida e desagradável. Parte do povo perdeu a fé, mas um resto fiel, como o salmista (Sl 27) manteve-se confiante em Javé. Os poucos profetas desta época esforçaram-se para convencer o povo da constante presença de Deus.

Confiança em Javé

O destaque do Salmo 27 é a expressão de confiança em Javé, apesar das dificuldades que o salmista estava enfrentando. Mesmo enfrentando desabores, o salmista declara a sua confiança em Javé (versos 1-3 e 13).

As manifestações lamentosas que encontramos no AT, especialmente no livro de Salmos, devem ser vistas como uma expressão de confiança e de fé. O salmista lamenta, mas confia em seu Deus, tal qual manifesta o autor do Salmo 23. Estes dois hinos mostram uma visível ca-

ca. Vale a pena ir além da simples explicação que esta frase é uma figura de linguagem.

O termo hebraico *‘or*, luz, é empregado no relato da criação (Gn 1,3,4,5,18) para descrever o primeiro ato criador. A partir desse ato divino, o abismo espacial deixou de ser tre-



corbis.com/42-29060753

racterística de testemunho, pois os salmistas falam de Javé na terceira pessoa: Javé é luz, salvação e pastor nos momentos de aflição. Todavia, não é assim o murmúrio no deserto (Ex 15,24; Nm 14,2,27) que não expressa fé e esperança no projeto de Deus.

“Javé é minha luz”

Na declaração de fé – *Javé é minha luz...* (v.1) – o salmista faz uso de uma linguagem metafórica muito comum na poesia bíbli-

vas. Abria-se o caminho para criação do mundo. Portanto, a declaração do salmista – *Javé é a minha luz...* – é mais do que uma simples comparação metafórica. A luz ilumina e aquece o ambiente a fim de que, segundo Gênesis, o Espírito de Deus atue no ato criador (1,2).

A relação da *luz* com Deus é muito frequente na Bíblia e, frequentemente, ela é usada como símbolo da vida. Se em Gênesis a

luz é a primeira criação de Deus,

no nascimento de uma criança, a *luz* será a primeira experiência do nascituro.

Desta forma, denominar Javé com a palavra *luz* é profundamente significativo. Muitas declarações de fé trazem esta comparação: *Tu és Javé, minha luz...* *Ele ilumina minha treva* (2Sm 22,29); *Se habito nas trevas, Javé é minha luz* (Salmo 43,3).

“Javé é minha salvação”

A declaração, *Javé é minha luz*, é complementada com a frase, *e minha salvação* (Sl 27,1). Aqui, neste Salmo, *luz* e *salvação* são palavras gêmeas, com o mesmo significado, ou melhor, são palavras que se complementam. Esta compreensão é encontrada em muitos textos bíblicos. No Salmo 80, o salmista reafirma, por três vezes, este pedido: *Faze tua face brilhar e seremos salvos* (Sl 80,4,8,20). Assim, pedir a Deus que brilhe é o mesmo que pedir a salvação e a libertação dos oprimidos que ameaçam a paz da comunidade dos justos.

“Não terei medo”

Se o salmista confessa que *Javé é minha luz e minha salvação*, certamente, ele tem algo mais a dizer.

Há, por trás desta declaração de fé, uma situação desfavorável que lhe provoca medo e repulsa: *asar*, opressor (v. 2 e 12), *‘oyeb*, inimigo (v. 2 e 6) e *xorer*, detratores (v. 11) estão próximos do salmista para *devorar-lhe a carne*, isto é, tragar-lhe vivo (v.2).

Notas conclusivas

O salmista mostra-se bastante preocupado e apreensivo com a sua situação pessoal diante de Javé. Ele tem medo de não ser aceito diante da face de Deus. Por isso ele insiste para que Deus *não*

duas vezes: *Tu és minha ajuda* e *Eloim é minha salvação*. Apesar do medo que o salmista é acometido, essa declaração de fé do salmista mostra o outro lado de sua personalidade. É importante, entretanto, salientar que ele não fala que está sentindo medo. Pelo contrário, ele desafia a si mesmo, em um brado de fé (v.1). Na verdade, medo é um sentimento que o profeta Isaías percebeu no governo de Acaz (Is 7.1-9; conforme Sl 46.2-4).

O salmista usa uma metáfora para caracterizar Deus: *Javé é a minha luz* (v.1b). Trata-se de uma analogia que compara Javé com a luz. O povo bíblico não tinha dificuldade em definir Javé através de comparações. Na Bíblia, os exemplos são fartos: o salmista definiu Javé como Pastor (Sl 23.1); Jesus se denomina o Caminho (Jo 14.6) e a nova comunidade cristã chama Jesus de Cordeiro (Jo 1.29 e 36; Ap 5.12). O livro de Apocalipse aponta o “Leão de Judá” como um título messiânico (Ap 5.5) e Jeremias compara Javé como um poderoso guerreiro (Jr 20.11).

Os adversários são muitos, violentos e perigosos, porém o fiel suplicante afirma que não temerá e confiará na proteção de Javé (v.3). O medo, seja diante de exército e guerra ou outras adversidades, não faz parte da postura de um/a fiel javista. Isaías desafia o rei Acaz confiar em Javé (Is 7, 1-9), pois o medo não faz parte da tradição bíblica (Sl 46,2).

esconda, não o desencaminhe não o deixe e não o abandone (v. 9). É uma grande concentração de pedido que revela o lugar vivencial do salmista: desespero por sentir-se culpado de algum erro já cometido (v.12), amedrontado e ameaçado por inimigos (v.1-3) e abandonado (v.7-10).

Apesar de seu receio, ele declara a sua confiança por

dência teológica junto ao povo bíblico que não foi aceita por Jesus. Na verdade, Jesus sentiu-se confortável em se denominar *Eu sou o bom Pastor* (Jo 10.11) e *Eu sou o Caminho* (Jo 14.6). Certamente, Jesus percebeu que a comparação de seu ministério com a figura de leão é completamente inadequada ao projeto do Reino de Deus: O leão é um animal violento e carnívoro que devora o cordeiro e ameaça mortalmente a vida do pastor. A violência não tem lugar na pregação de Jesus.

Quem bom ler o Salmo 27 e perceber que o salmista compara Deus com a luz! Apesar de ser agredido por pessoas que ele chama de *opressor* (v. 2 e 12), *inimigo* (v. 2 e 6) e *detratores* (v. 11), o salmista não usa de violência ao se referir aos seus adversários. A salvação dos inimigos do salmista não virá por meio da ação violenta do leão, mas acontecerá, milagrosamente, com a paciente e amorável intervenção do pastor.

Tércio Machado de Siqueira é pastor metodista e professor da FaTeo na Área de Bíblia (Antigo Testamento)

Estudo
Bíblico



Bíblia de Estudo – Wesley

O projeto de uma Bíblia para o Povo Metodista, ferramenta para o Discipulado

Helmut Renders

Como deve se imaginar um texto que une a base da fé cristã com uma introdução na experiência e práxis metodista junto aos seus fundamentos? Isso não seria uma ferramenta excelente para o discipulado na Igreja Metodista? Acredito que o projeto da Bíblia de Estudos – Wesley responde as duas perguntas de uma forma bastante feliz. Ela representa uma chance única de enfatizar no povo metodista que a renovação de pessoas, a reforma da igreja e a transformação da sociedade ganham sua profundidade e seu fôlego sempre a partir do estudo amplo da Bíblia. Sem dúvida, John Wesley pensava assim e contribui com as suas *Notas explicativos do Novo Testamento e do Antigo Testamento*.

Histórico do Projeto da Bíblia de Estudo – Wesley

O projeto iniciou-se em 2006 em reposta a pedidos tanto da Sociedade Bíblica do Brasil - por uma intermediação inicial do irmão Carlos Wesley de Rio de Janeiro - como do

Concílio Geral da Igreja Metodista de 2006. Na discussão cristalizou-se a vontade de realizar um projeto ainda mais completo do que previsto inicialmente: a equipe do Centro Estudos Wesleyanos, encarregado para a tarefa pela Faculdade de Teologia, propôs incluir ao lado das *Notas do Novo Testamento*, também, as *Notas do Antigo Testamento*. Logo, entretanto, ficou claro que isso resultaria numa Bíblia em dois volumes.

Como esta divisão entre AT e NT seria plenamente contra a tradição metodista de leitura conjunta da toda Bíblia, optou-se para uma redução das Notas do AT, sendo o critério a sua ligação – em continuidade ou, eventualmente, como ruptura – das Notas do NT.

Começou o trabalho da tradução das Notas do NT que agora, em 2011 (!) foi para a fase de revisão. Uma primeira amostra – na base do Sermão de Monte – foi apresentada em maio 2011 e prevemos os lançamentos da obra final para maio 2013 (NT) e maio 2014 (Bíblia inteira).

Bíblia de Wesley

Ano 19, nº 49, junho/dezembro de 2011

11 o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;
12 e perdoa-nos as nossas dívidas,
assim como nós temos perdoado aos
nossos devedores;
13 e não nos deixes cair em tentação;
mas livra-nos do mal
[pois teu é o reino⁴, o poder e a glória
para sempre. Amém!]
14 Porque, se perdoardes aos homens as suas
ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará;
15 se, porém, não perdoardes aos homens
[as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos
perdoará as vossas ofensas.⁵

Como jejuar

16 Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberão a recompensa. 17 Tu, porém, quando jejueiras, unga a cabeça e lava o rosto, 18 com o fim de não parecer a tua vontade que jejuas, e sim a teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

⁴6,13 1Cr 29,11. ⁵6,14-15 Mc 11,25-26. ⁶6,19 Mt 5,2-3
tuniquino como eles, sem interrupção do seu voluntário serviço; sim, e tão perfeitamente como eles. Que Tu, ó Espírito de graça, mediante o sangue do pacto eterno, os tornes perfeitos em tua obra boa para fazer a tua vontade, e opere neles tudo o que for agradável aos teus olhos. ⁶11 (4) Dá-nos, O Pai [pôs nada reclamando, como direito, senão somente por tua gratuita misericórdia], hoje (porque não nos preocupei com o amanhã), o pão necessário para a vida eterna, e as coisas necessárias para nossas almas e nossos corpos; não só para a comida que perece, mas o pão sacramental, e Tua graça, o alimento que permanece para a vida eterna.

⁶12 (5) E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. Que Tu, ó SENHOR, a redenção em Teu sangue e o perdão dos pecados, da mesma forma como Tu nos capacitas a perdoar, livre e plenamente, a todos os homens, assim perdoes todas as nossas ofensas.

⁶13 E não nos deixes cair em tentação. Sempre que formos tentados, nos livras de ser dominados, debilitados;

⁶14 não permolas em nos tentar, senão destruindo, abrindo-nos, antes, uma via de escape, para que sejamos mais que vencedores, mediante teu amor, sobre o pecado e todas as suas consequências. Agora

pois, posto que o maior desejo de um coração cristão é a glória de Deus (Mt 9,10), e que tudo o que deseja para si e para seus irmãos é o pão de cada dia para a alma e o corpo (ou seja, o sustento da vida, animal e espiritual), o perdão dos pecados, e a libertação do poder do pecado e do mal [vs. 11-13], não há outra coisa que o cristão possa desejar; portanto, esta oração compreende todos os seus

desejos. A vida eterna é a consequência certa, ou melhor,

⁶15 a plenitude, da santidade.

⁶16 Pois teu é o reino. O direito soberano sobre todas as coisas que são ou foram criadas. O poder executivo mediante o qual tu governas todas as criaturas no teu reino eterno. E glória. O louvor devido por toda criatura, por Teu poder, e por todas as Tuas obras maravilhosas, e pela grandeza do Teu reino, que dura por todas as eras, e mesmo para sempre. E eligo de notar que, conjugando a esse, a bênção permanente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e igualmente aplicável tanto a cada pessoa como à bendita e indivisa Trindade.

⁶17 Quando jejuardes. Como faziam frequentemente os judeus, quando se lavavam de costume.

⁶18 Não cumulareis a tua oração. Nossa Sra. deu

azul uma transição das ações religiosas às comunidades e aos

adverte para outra armadilha, o amor ao dinheiro, tão

inconsistente com a pureza de intenção como a busca de

de elogios. Onde a traça e a ferrugem correm.

Onde todas as coisas são perniciosas e transitórias. Talvez ele qui-

esse dizer algo mais com essas palavras: guardar-nos

de tornar qualquer coisa na terra nosso tesouro. Porque

uma coisa se transforma para nós em tesouro, quando

colocamos nela nossos afetos.

Objetivo do Projeto da Bíblia de Estudo – Wesley

A Bíblia de Estudo – Wesley quer unir o cuidado acadêmico (fidelidade de tradução, explicação de termos não comumente conhecidos), com a necessidade de apresentar um texto numa linguagem que facilita o estudo individual de novos membros. Além disso, decidiu-se apresentar os grandes temas do mo-

9 Mateus 6

Reino da graça; reino da glória

O anúncio do reino de Deus ou dos Céus é tema central na espiritualidade wesleyana. Wesley chamava os sinais do reino na terra o *reino da graça*, e referiu-se ao porvir como o *reino da glória*. A construção do reino de Deus com a colaboração dos seres humanos na missão de Deus é uma ênfase importante da tradição wesleyana e base da sua esperança na reforma da nação e da igreja.

Os tesouros no céu

¹⁹Não acumuleis¹ para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem correm e onde ladrões escavam e roubam; ²⁰mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; ²¹porque, onde está o teu tesouro, afará também o teu coração.

desejos. A vida eterna é a consequência certa, ou melhor, a plenitude, da santidade.

¹⁸Pois teu é o reino. O direito soberano sobre todas as coisas que são ou foram criadas. O poder executivo mediante o qual tu governas todas as criaturas no teu reino eterno. E glória. O louvor devido por toda criatura, por Teu poder, e por todas as Tuas obras maravilhosas, e pela grandeza do Teu reino, que dura por todas as eras, e mesmo para sempre. E eligo de notar que, conjugando a esse, a bênção permanente as perfeções dessa oração, são triplícias, e alinhavam agradecimento ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e igualmente aplicável tanto a cada pessoa como à bendita e indivisa Trindade.

⁶16 Quando jejuardes. Como faziam frequentemente os judeus, quando se lavavam de costume.

⁶17 Não cumulareis a tua oração. Nossa Sra. deu

azul uma transição das ações religiosas às comunidades e aos

adverte para outra armadilha, o amor ao dinheiro, tão

inconsistente com a pureza de intenção como a busca de

de elogios. Onde a traça e a ferrugem correm.

Onde todas as coisas são perniciosas e transitórias. Talvez ele qui-

esse dizer algo mais com essas palavras: guardar-nos

de tornar qualquer coisa na terra nosso tesouro. Porque

uma coisa se transforma para nós em tesouro, quando

colocamos nela nossos afetos.

vimento metodista (por exemplo: Bíblia, Batismo, Santa Ceia, experiência religiosa, razão, tradição, justificação, Santidade, pregação leiga, pequenos grupos, ministério pastoral da mulher). Acredita-se que esta contribuição seja interessante para líderes leigos, evangelistas, pregadores/as e pastores/as.

Adicionalmente, a Bíblia de Estudos – Wesley terá introduções aos livros da Bíblia, um dicionário

CHAPTER VI

16 passes. Moreover, when ye fast, be not, as the hypocrites, of a sad countenance: for they disfigure their faces, that they may appear unto men to fast. Verily I say unto you, 17 They have their reward. But thou, when thou fastest, 18 anoint thy head, and wash thy face; That thou appear not unto men to fast, but to thy Father who is in secret: and thy Father, who seeth in secret, shall reward thee. Jon 1:12

19 * Lay not up for yourselves treasures on earth, where moth and rust consume, and where thieves break through 20 and steal: But lay up for yourselves treasures in heaven, where neither moth nor rust doth consume, and where 21 thieves do not break through nor steal: For where your 22 treasure is, there will your heart be also. † The eye is the lamp of the body: if therefore thine eye be single, thy 23 whole body shall be full of light. But if thine eye be evil, thy whole body shall be full of darkness. If therefore the light that is in thee be darkness, how great is that darkness! ‡ No man can serve two masters: for either he will hate the one, and love the other; or he will cleave to the one, and neglect the other. Ye cannot serve God and mam-

* Luke xii. 33. † Luke xi. 34. ‡ Luke xvi. 13.

16. *When ye fast*—Our Lord does not enjoin either fasting, alms-deeds, or prayer; all these being duties which were before fully established in the Church of God. *Disfigure*—By the dust and ashes which they put upon their head, as was usual at the times of solemn humiliation.

17. *Anoint thy head*—So the Jews frequently did. Dress thyself as usual.

19. *Lay not up for yourselves*—Our Lord here makes a transition from religious to common actions, and warns us of another snare, the love of money, as inconsistent with purity of intention as the love of praise. *Where moth and rust consume*—Where all things are perishable and transient. He may likewise have a further view in these words, even to guard us against making anything on earth our treasure. For then a thing properly becomes our treasure, when we set our affections upon it.

22. *The eye is the lamp of the body*—And what the eye is to the body, the intention is to the soul. We may observe with what exact propriety our Lord places purity of intention between worldly desires and worldly cares, either of which directly tend to destroy it. *If thine eye be single*—Singly fixed on God and heaven, thy whole soul will be full of holiness and happiness.

23. *If thine eye be evil*—Not single, aiming at anything else.

24. *Mammon*—Riches, money; anything loved or sought without reference to God.

39

bíblico, um dicionário de termos wesleyanos conduzindo às notas respectivas e janelas informativas. O/A leitor/a terá, dessa

forma, a possibilidade de explorar temas a partir do texto bíblico ou encontrar as referências bíblicas relaciona-

Bíblia de
Wesley

Ano 19, nº 49, junho/dezembro de 2011

das com um assunto do seu interesse.

Expectativa do Projeto da Bíblia de Estudo – Wesley

A Bíblia de Estudo – Wesley será lançada numa época única da história e do Brasil. Estamos no fim da modernidade clássica que foi o período da formação do metodismo. Da tradição protestante aprendemos que a igreja está sempre em reforma e que a Bíblia é nossa orientação fundamental. No século XVIII integrou-se o povo e valorizou-se mais os/as leigos/as. No século XIX enfatizou-se que uma fé viva e madura precisa formação contínua (Escola dominical), até também assumir a difícil tarefa de reformar a nação (Credo Social).

No Brasil o Plano para a Vida e a Missão e o Programa de Dons e Ministérios marcaram uma época. Experiências diversas que devem ser acessíveis para o povo metodista, compreensíveis nas suas raízes bíblicas e nas suas relações entre si.

Também não podemos esquecer que neste tempo, o próprio Brasil está vivendo um momento novo.

Tudo desta dinâmica requer muito dos metodistas. Nada melhor então que aprender com as gerações anteriores que não querem ser copiadas, mas compreendidas, e fazer o que elas fizeram nas suas épocas: ver, julgar e agir, sabendo que o melhor de tudo é que a graça de Deus está conosco, nas vidas de cada um/a e neste mundo-paróquia...

Helmut Renders é pastor metodista e professor da FATEO na Área de Teologia e História onde ele também atua como secretário-executivo do Centro de Estudos Wesleyanos e coordenador editorial da Editeo.

Calendário da FaTeo

2012

Destques

Janeiro

- 26-29** – Encontro de Capacitação de Lideranças Juvenis da Igreja Metodista (CALIJU) (Programa Ações Eclesiásticas e Missionárias)

Fevereiro

- 06** – Início das atividades letivas do 1º. semestre 2012
- 27 [a 9/3]** – Módulo do Curso Teológico Pastoral (CTP) para o 3º. e 4º. anos (Programa de Formação)
- 29** – Reunião com Assessores/as Episcopais para Acompanhamento de Estudantes Recomendados/as (Programa Ações Eclesiásticas e Missionárias)

Março

- 13-14** – Reunião da Coordenação Nacional de Educação Teológica da Igreja Metodista (CONET) (Programa de Formação)
- 16-17** – Retiro de Espiritualidade do Corpo Docente da FaTeo (Programa Vida Comunitária)
- 19-31** – Módulo do CTP para o 1º. e 2º. anos (Programa de Formação)

Abril

- 14** – V Encontro de Mulheres Metodista a Distância (Programa de Extensão – Centro Otilia Chaves)
- 14-15** – Datas disponíveis para o Programa Visitando a Nossa História (Programa Relações Eclesiásticas e Missionárias) – Igrejas interessadas podem se inscrever
- 21** – Festa do Dia do/a Seminarista (Programa Ações Eclesiásticas e Missionárias)

Maio

- 04-06** Encontro de Ex-alunas e professores/as do Instituto Metodista (Programa de Extensão – Centro Otilia Chaves)
- 21-25** Semana Wesleyana (Programa de Produção de Conhecimento – CEW)

Junho

- 02-03** Datas disponíveis para o Programa Visitando a Nossa História (Programa Relações Eclesiásticas e Missionárias) – Igrejas interessadas podem se inscrever
- 15 a 17** Encontro Nacional de Capacitação para Mulheres da Igreja Metodista (Programa de Extensão – Centro Otilia Chaves)

Agosto

- 6-18** Módulo do CTP para o 3º. e 4º. anos (Programa de Formação)
- 08** Reunião com Assessores/as Episcopais para Acompanhamento de Estudantes Recomendados/as (Programa Relações Eclesiásticas e Missionárias)
- 25** VI Encontro de Mulheres Metodista a Distância (Programa de Extensão – Centro Otilia Chaves)
- 27 [a 6/9]** Módulo do CTP para o 1º. e 2º. anos (Programa de Formação)

Setembro

- 14-16** Encontro da Revista Voz Missionária (Programa de Extensão – Centro Otilia Chaves)
- 18-19** Reunião da Coordenação Nacional de Educação Teológica da Igreja Metodista (CONET) (Programa de Formação)
- 21-22** Retiro de Espiritualidade do Corpo Docente da FaTeo (Programa Vida Comunitária)
- 28-30** Encontro Nacional Metodista de Pessoas que Trabalham com Crianças (Programa Ações Eclesiásticas e Missionárias)
- 29-30** Datas disponíveis para o Programa Visitando a Nossa História (Programa Relações Eclesiásticas e Missionárias) – Igrejas interessadas podem se inscrever

Novembro

- 9-11** Encontro de Ex-alunas e professores/as do Instituto Metodista (Programa de Extensão – Centro Otilia Chaves)
- 10** Encontro de Pastores/as Aposentado/as (Programa Ações Eclesiásticas e Missionárias)
- 24-25** Encontro de Ex-Alunos da FaTeo formandos de 1991-2000 (Programa Ações Eclesiásticas e Missionárias e Programa de Formação)

Dezembro

- 07** Culto do Envio
- 08** Formatura
- 17** Reunião com Assessores/as Episcopais para Acompanhamento de Estudantes Recomendados/as (Programa Ações Eclesiásticas e Missionárias)